

DJALMA MARANHÃO

DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER

*(A Escola Brasileira com dinheiro brasileiro,
uma experiência válida para o mundo subdesenvolvido)*

Estudo realizado no exílio no Uruguai

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.

(Capa idealizada por Djalma Maranhão e aqui reproduzida. No índice era previsto um prefácio de Darcy Ribeiro.)

ÍNDICE

I - DEDICATÓRIA

II- APRESENTAÇÃO

- 1 – O B-A-BÁ da Apresentação
- 2 – O binômio: alfabetização e democratização da cultura
- 3 – Estatística humilhante para o Brasil
- 4 – As coordenadas da Secretaria de Educação e Cultura
- 5 – O nome da Campanha relembra Monteiro Lobato
- 6 – A problemática em Natal
- 7 – Uma experiência de educação de massas

III – AS FASES DA CAMPANHA

1. – Primeira fase: as “Escolinhas”
 - a) – Primeiro Comando da Campanha de educação popular
 - b) – Autocrítica e espírito da Campanha
 - c) – Curso intensivo para o magistério primário
 - d) – Carta-Mensagem do Prefeito
2. – Segunda fase: Acampamentos escolares
 - a) – Nove acampamentos e 300 escolinhas
 - b) – Custo dos acampamentos
 - c) – Uma estatística da Diretoria de Ensino
 - d) – A escola ecológica
3. – Terceira fase: Alfabetizar de casa-em-casa
 - a) – Pesquisa sobre o analfabetismo
 - a. 1) – Introdução ao problema
4. – Quarta fase: Criação do Centro de Formação de Professores

- a) – O processo de legalização do CFP
 - b) – Curso de Emergência diploma mil professorinhas
 - c) - Coordenação Técnica da Campanha
 - d) – As professorinhas
 - e) – Estudos de problemas da escola primária
 - f) – Visitas das orientadoras
 - g) – Indicações bibliográficas
 - h) – Sugestões por escrito
 - i) – Semana de saúde
 - j) – Avaliação do rendimento escolar
 - k) – Promoção escolar
 - l) – Serviços de atividades complementares
 - m) - A pesquisa sobre evasão escolar
 - n) - Círculos de pais e professores
 - o) - Recreação intensiva
 - p) - Merenda escolar
 - q) - Aviários e hortas: educação para a produtividade
 - r) - Bibliotecas rotativas e Círculos de leitura
 - s) - Teatrinho João Redondo
 - t) - Programa de Rádio
 - u) - Primeiro seminário de estudos dos problemas de educação e cultura do Município de Natal
5. – Quinta fase: Ensino profissional – De Pé no Chão também se Aprende uma Profissão
- a) – Matrícula inicial de dois mil
 - b) - Os primeiros diplomados
 - c) - O aluno-barbeiro
 - d) – Marceneiros-mirins

- e) - O aposentado virou sapateiro
 - f) - Moças costureiras e telegrafistas
6. – Sexta fase: Cartilha para adultos
- a) – Definição da cartilha
 - b) – Análise da cartilha
 - c) – O aspecto social da cartilha
 - d) – Para estudar nunca é tarde
7. – Sétima fase: De Pé no Chão amplia suas fronteiras – interiorização da Campanha
- a) – Reunião com 40 prefeitos
 - b) – Interesse em outros Estados
 - c) – Convênios com a Universidade
 - d) – Uma escola em cada estação ferroviária
 - e) – Com os sindicatos
 - f) – Hino e bandeira
8. – Oitava fase: A escola brasileira com dinheiro brasileiro
- a) – Uma escola por semana
 - b) – A prova material do crime
 - c) – Ensino primário obrigatório e gratuito

IV – CULTURA POPULAR: TENTATIVA DE CONCEITUAÇÃO

- 1. – Trajetória da dominação: do Brasil colônia ao Brasil independente
- 2. – Cultura brasileira e padrões culturais alienígenas
- 3. – Emergência da cultura popular

V – A PRÁTICA DA CULTURA POPULAR

- 1. – Praças de Cultura
- 2. – Concha Acústica

3. – Galeria de Arte
4. – Museu de Arte Popular
5. – Coral da Cidade de Natal
6. – Teatrinho do Povo
7. – Defesa da autenticidade do folclore
8. – Bibliotecas Populares
9. – Cursos de Realidade Brasileira
- 10.– Congresso de Cultura Popular
- 11.– Boletim
12. – Festas tradicionais
13. – CPC – Centro Popular de Cultura

VI – REPERCUSSÕES NACIONAL E INTERNACIONAL DE DE PÉ NO CHÃO

1. – Prefeito de Natal quer ensinar a ler (“Diário Carioca”)
2. – A primeira contribuição para a Campanha
3. – Chega a primeira remessa
4. – A Revista da UNICEF
5. – Ponto final.

VII – ANEXOS:

1. – Percentagem da população que freqüentava escola em 1961 em
18 países da América Latina
2. – Coordenação Pedagógica da Campanha – Plano 1
3. – Custos e funcionamento
4. – Resumo do Movimento das Escolinhas – setembro, 1961
5. – Quadros estatísticos da pesquisa sobre o analfabetismo
6. – Resoluções do CEEC que aprovaram o CFP
7. – Estatísticas das Bibliotecas Populares – Relatório.
8. Caixas dos Acampamentos (Bibliotecas Rotativas)

DEDICO A

ANÍSIO TEXEIRA – Símbolo da luta desigual contra o analfabetismo em um país de desgraçada e degradante maioria de analfabetos. As falsas elites, a mediocridade, a burrice, o reacionarismo insistiram sempre na tarefa inglória de obstacularizar o plano genial deste lúcido professor que sonhou em libertar o Brasil das trevas da ignorância e culminou perseguido e exilado da Pátria.

MAKARENKO – Educou os meninos abandonados, nascidos entre o vício e o desamparo readaptando a vida social de milhares de pequenos vagabundos. Realizou no campo da educação uma das maiores experiências no então nascente Estado Soviético. Alterou métodos de ensino, superando os cânones da velha “pedagogia profissional”, lançando os fundamentos da “pedagogia dialética”.

JESUALDO: - Professor por vocação. A sua poderosa experiência pedagógica ultrapassou as pequenas fronteiras geográficas do Uruguai e atingiu, primeiro, os países da América Latina, para depois firmar-se em todos o quadrantes do mundo. Complementou a obra de José Pedro Varela, criador da Escola Pública Uruguiaia.

PESTALOZZI – suas teses revolucionaram o pensamento pedagógico universal. Em fins do Século XVIII uma nova mensagem educativa partia da Suíça, agitando a Europa, transformando-se depois em fonte de consulta para todos os que se interessam pelos inquietante problemas do ensino.

Ao

Movimento de Cultura Popular, (MCP) do Recife, irmão mais velho da Campanha de Pé no Chão também se Aprende a Ler, nas pessoas de Germano Coelho, Miguel Nilton, Paulo Freire, Anita Paes Barreto.

Ao

Movimento de Educação de Base, reverenciado nas personalidades de Dom Helder Câmara, Dom Eugênio Sales, Dom Távora, a solidariedade ecumênica de Pé no Chão, pela mesma violência sofrida com a apreensão de sua Cartilha de Alfabetização.

II - APRESENTAÇÃO

1. - O B-A-BÁ DA APRESENTAÇÃO

O trabalho que estamos apresentando é fruto de uma equipe de idealistas. Codificamos, reduzimos, acrescentamos algum dados, analisamos, interpretamos, mas o espírito, a essência, o fundamental, é a mensagem da Campanha Pé no Chão também se Aprende a Ler.

O Barco estava sob o nosso comando nas horas felizes em que exercemos um programa para ajudar o Brasil a erradicar o analfabetismo. Na hora da tragédia, quando o terror de uma tempestade destruiu um trabalho altamente engajado nesta cruzada de emancipação nacional, não podemos fugir á responsabilidade e aqui estamos para assumir todos os riscos.

Nos processo em que nos envolveram por subversão, fizemos questão de afirmar, se alguém fosse condenado no Rio Grande do Norte pelo “crime” de alfabetizar crianças e adultos, pediríamos para nós esta honra!

É um depoimento para a história.

Neste livro, escrito com humildade e reconhecendo todas as deficiências, abordamos os problemas da ALFABETIZAÇÃO e da DEMOCRATIZAÇÃO DA CULTURA.

É a chamada experiência de Natal, que se tornou nacionalmente conhecida, chegando mesma a interessar setores educacionais de países estrangeiros, repercutindo na UNESCO.

No Primeiro Encontro de Alfabetização e Cultura Popular, promovido pelo Ministério da Educação, realizado no Recife, em 1963, a

Campanha do Pé no Chão também se aprende a Ler esteve presente.

Sob nossa presidência uma equipe integrada pelo Secretário de educação do Município, Moacyr de Góes; Diretora do Centro de Formação de Professores, Margarida de Jesus Cortez; Diretor de Ensino Municipal, Omar Pimenta; Diretora da Diretoria de Documentação e Cultura, Mailde Pinto; Diretor do Ginásio Municipal, Geniberto Campos; Chefe do Setor de Interiorização da Campanha, Josemá Azevedo; Assessora Cultural, Diva Salete de Lucena, preparou uma comunicação e apresentou um Painel das atividades que estávamos desenvolvendo em Natal. Estes documentário é a base do trabalho que entregamos aos leitores, também servirá (não de defesa, porque não temos do que nos defender) mas de orientação à Justiça, quando tiver que julgar os processos em que triste e lamentavelmente nos envolveram, que é fruto fundamentalmente de alienamento da realidade brasileira.

Pé no Chão, um lema em favor da Educação Popular.

Se houver crime em alfabetizar e dar ao povo acesso às fontes do saber então nós somos réus de muitos crimes.

Este livro devia ter sido publicado antes do Golpe de 1º de Abril.

Enio Silveira (editor e escritor da linhagem de Monteiro Lobato, que somente as futuras gerações poderão lhe fazer justiça pela imensa tarefa editorial que vem realizando) havia programado para os Cadernos do Povo, o lançamento: **“Por que de Pé no Chão também se Aprende a Ler”?**

Tomamos o compromisso de preparar o material. Vivíamos os últimos meses do governo Goulart. Pretendíamos aproveitar dois ou três fins de semana em nossa casa na Praia de Ponta Negra, convocar a equipe que dirigia a Campanha de alfabetização, dividir as tarefas, cabendo-nos somente dar unidade ao trabalho. Antes, porém, desabou o vendaval da reação.

Quando estávamos asilado na Embaixada do Uruguai, no Rio de Janeiro, depois de percorrer os presídios de Natal, Recife e Fernando de Noronha, fizemos o esboço do livro. Enio Silveira nos honrou com a sua visita, aprovou e se prontificou a lançar o mesmo no prazo de três meses.

Os IPMs, entretanto, recrudesceram o terrorismo. A publicação poderia oferecer margem para novas perseguições. Deliberamos aguardar melhor oportunidade.

Viajamos em seguida para Montevidéu, exilado da Pátria.

As dificuldades de comunicação com Natal nos impediram incluir ponderável número de documentos. Esperamos complementar estas lacunas, se um dia for editado uma segunda edição.

Agradecemos, aqui, a colaboração anônima de quantos nos remeteram, correndo toda sorte de perigo, considerável parcela do material que constitui este documentário de uma experiência brasileira de alfabetização e democratização da cultura, válida para as áreas do mundo subdesenvolvido.

2.- O BINÔMIO: ALFABETIZAÇÃO E DEMOCRATIZAÇÃO DA CULTURA

Durante a campanha eleitoral que nos conduziu à frente do Governo da Capital do Estado do Rio Grande do Norte, formulamos os pontos estruturais em que assentaria o nosso programa de trabalho, fixamos os critérios administrativos que orientariam e o espírito com que seriam tratados os problemas da administração municipal. E o julgamento popular manifestado nas urnas, através de dois terços da votação, explicitou de modo veemente a aprovação dos natalenses ao nosso programa administrativo para a sua cidade.

Todas as análises sócio-econômicas honestas feitas no Brasil de hoje revelam o descomprometimento e o divórcio da superestrutura política e jurídica com a agitada e angustiante realidade social e econômica do país. Esse imenso vazio entre a realidade econômico-social e a organização política-jurídica-administrativa condena o país a uma demorada permanência no subdesenvolvimento e arrasta seu povo a uma indigência degradante. Nesse comprometedor pano de fundo, desenvolverem-se com violência os conflitos sociais, e o regime, ao sabor de pressões internas e externas, vacila e ameaça sucumbir nas mãos dos hesitantes e dos irresponsáveis.

Desse estado de coisa, chega-se à irretorquível conclusão de que a administração pública é inoperante e inócua, ou por deliberação, ou por não dispor de um mínimo de instrumentos administrativos capazes de conduzi-la a objetivos de alcance social.

Numa orfandade revoltante, o Brasil vive uma fase explosiva de sua história, cujos momentos cruciais são os que resultam do impacto da ofensiva calculada das forças econômicas internacionais aliadas aos setores nativos mais conservadores e refratários a uma dinâmica progressista de governo. Todavia a conjuntura mundial está a evidenciar que se identificam e se enquadram na problemática geral do mundo subdesenvolvido.

A única conclusão consoladora a que se pode chegar depois de percorrer os caminhos da miséria do povo brasileiro, é a de que, da convulsão de hoje, surgirá um novo Brasil, livre e justo, que, depois de conquistar para si, como nação, liberdade e justiça, distribuí-la ao seu povo, marchando para a realização de cada brasileiro como homem e desentranhando da história coletiva e individual dos seus filhos as páginas de fome, de miséria, de ignorância, da doença, do aviltamento, do

pauperismo.

De resto, é o Nordeste a viver, dentro do próprio Brasil, os mais graves problemas, os dias mais duros, padecendo as dores mais agudas e sofrendo das moléstias mais crônicas. É o drama de sermos no mundo, como área economicamente homogênea e geograficamente contínua, a região com os maiores recordes de subdesenvolvimento, onde o homem se distancia de forma desmesurada de todo o conteúdo de condições humanas. Meio físico hostil e instituições superadas prendem o Nordeste num círculo fechado de pauperismo.

E Natal tem seu lugar nesse quadro.

Como a maioria das capitais nordestinas, vive o drama do desemprego e o do subemprego, do marginalismo econômico e social de sua população. O resultado é a mendicância, a prostituição, o crime, o desassossego. Vale ressaltar, nesta oportunidade, a enganadora constatação do crescimento da cidade, a produzir nos espíritos menos avisados e mal informados uma visão deformada da essência dos nossos problemas.

Natal cresce, é verdade. Mas cresce horizontalmente, sem indústrias, sem aumento de riqueza social, com uma população ativa concentrada na atividade comercial e setores de serviços, com renda “per capita” das mais reduzidas.

A tudo se agrava diante da estreita competência dos municípios, especialmente no que toca à formação dos recursos financeiros para a execução dos serviços públicos. Além do mais, a pobreza geral da cidade, insignificante e diminuta a capacidade tributária do município, que fica jungido ao que sobra do pagamento do funcionalismo para a execução dos diversos serviços da administração. Acrescenta-se, ainda, que práticas improvisadas, e repetidas sucessivamente através dos anos, deram origem a uma “técnica” de administração totalmente ineficaz, mas que ainda

impressiona muitos administradores e até provoca, em certos setores da população, santa revolta quando seus cânones são abandonados ou contrariados.

A esse respeito, cumpre dizer que o divisor de águas entre a antiga e moderna orientação administrativa é a introdução de um novo elemento conotativo que, ao lado da noção de interesse público, dinamiza e impulsiona as administrações progressistas. **O INTERESSE SOCIAL.**

Ciente desse quadro triste, vê-se quão difícil é programar, nos estreitos limites da competência da capacidade do Município, uma ação administrativa que reverta ao povo, com significação social, as parcelas do seu trabalho que se colocam sob a reincidência dos tributos.

Por tudo isso, não hesitamos em elaborar um programa de ação que fugisse ao estilo e a técnica tradicionais da administração municipal, no esforço de ajudar a caminhar o poder público, mesmo através das curtas passadas do Município, na abordagem dos problemas realmente sérios e urgentes da comunidade. Desse modo, realizávamos a aproximação da máquina administrativa com a realidade social da cidade, preenchendo considerável parte do vácuo que se interpunha entre elas. Era transformar em diálogo vivo e palpitante, fastidioso solilóquio em que se refugiam na sua generalidade as administrações.

A conjuntura nacional exige de todos nós a máxima atenção, sempre que nos debruçamos sobre os efeitos que a inflação vem estendendo sobre as camadas mais desprotegidas de nossa população.

Se uma grande corrente afirma que passamos do subdesenvolvimento ao infradesenvolvimento, os fatos gerados pela espiral inflacionária agiganta-se, envolvendo a todos numa área de insegurança e incerteza, capaz de comprometer todo e qualquer programa de governo.

A ausência de **instrução e educação** do povo oferece a convicção

de que, somente com o levantamento desses níveis ser-nos-á possível vencer as dificuldades e enfrentar a solução dos problemas sócio-econômicos.

Não é possível falar-se em Reforma Agrária, Tributária, Bancária e tantas outras, sem antes afirmarmos a convicção de que o êxito de qualquer delas, repousará tão somente na solução do **ANALFABETISMO**.

Um povo sem instrução, sem horizontes definidos, sem vontade própria, destituído da capacidade para escolher seus dirigentes, é um povo condenado a perpetuar-se no subdesenvolvimento tão decantado.

A democratização da educação, sem fugir a problemática brasileira, a conscientização popular e as facilidades para que esse povo possa atingir determinado índice de cultura, deve constituir uma constante das etapas de qualquer governo, seja no plano Federal ou Municipal.

Fundamenta-se, aí, na teoria aliada à prática, a essência, a substância, a preocupação, em adotar como meta principal de nossa administração frente à prefeitura de Natal, a solução do problema educacional, dentro do binômio: **ALFABETIZAÇÃO E DEMOCRATIZAÇÃO DA CULTURA**.

3. - ESTATÍSTICA HUMILHANTE PARA O BRASIL

A linguagem irretorquível dos números é humilhante para o Brasil.

A América Latina é uma das regiões mais atrasadas do mundo e o Brasil, no confronto educacional, um dos países mais atrasados da América Latina.

Na ordem decrescente, em dezoito (18) nações, estão na frente do Brasil as seguintes nações: Uruguai, Argentina, Chile, México, Panamá, Costa Rica, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela. Somente no décimo

primeiro lugar encontra-se nossa pátria, com mais da **METADE** da sua população constituída de analfabetos.

Somente 44,5% de brasileiros freqüentam a escola. O restante fica marginalizado da sociedade, sem ao menos aprender os rudimentos das técnicas de ler, escrever e contar, sem saber ao menos escrever o próprio nome! Este lamentável estado de atrofia mental reflete-se nas controvertidas elites dirigente do país e conseqüentemente na sua vida política, econômica e jurídica (ver anexo 1).

4. – AS COORDENADAS DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

Sob a orientação do professor Moacyr de Góes, jovem mestre que uma velha ultrapassada geração teima em não abrir alas para vê-lo passar vitoriosamente, levantando, bem alto, a tese da Escola Nova, que a Realidade Brasileira exige de uma equipe da melhor categoria pedagógica, na sua maioria com nível universitário, a educação no Município de Natal definiu-se por ação profundamente comprometida com a luta de libertação nacional, afirmação da soberania do país através de uma emancipação econômica e pelo engajamento das camadas mais espoliadas do povo no processo sócio-político-cultural da nação.

Procurou-se fixar a educação como alavanca da criticidade democrática e abrir-se a estrada da conscientização popular.

Duas grandes coordenadas orientaram e pautaram os serviços da Secretaria de Educação:

1. A educação democraticamente aberta a todos, fiel à problemática brasileira, comprometida com a emancipação do país e do povo,

financiada por dinheiro brasileiro;

2. A promoção da Democratização da Cultura.

5. - O NOME DA CAMPANHA RELEMBRA MONTEIRO LOBATO

Poucos homens, no Brasil, influenciaram tanto na formação da juventude como Monteiro Lobato. Primeiro foram os seu fabulosos livros infantis e depois a sua luta emocionante para extrair petróleo do nosso subsolo. Símbolo da tenacidade de um povo que teima em recusar a pesada canga da escravidão econômica.

Em um dos seus livros Monteiro Lobato escreveu o seguinte:

“- Fica no extremo da rua o Grupo Escolar, de modo que a meninada passa repassa à frente da minha janela. Notei que muitas crianças sofriam dos pés pois traziam um no chão e outro calçado. Perguntei a uma delas:

Que doença de pés é essa? Bicho arruinado?

O pequeno baixou a cabeça com acanhamento: depois confessou: é inconomia.

Compreendi. Como nos grupos não se admitem crianças de pés no chão, inventaram as mães pobres aquela pia fraude. Um pé vai calçado: o outro doente de um imaginário mal crônico, vai descalço. Um par de botinas dura assim por dois. Quando o pé da botina em uso fica estragado, transfere-se a doença de um pé para outro, e o pé de botina de reserva entra em

função.”

Lobato tinha razão. O fundamento era econômico. Por isto a Prefeitura ia abrir escolas permitindo que os alunos freqüentassem as aulas descalços.

Descalço é um termo erudito. Em Natal e em quase todo o interior do Brasil usa-se a fórmula “de pé no chão”.

O nome da Campanha nasceria de uma reportagem de imprensa, quando o jornalista Expedito Silva noticiando o programa de educação popular que se iniciava em Natal, afirmava que pela meta de prefeito até “de pé no chão se aprende a ler”, querendo dizer que, de agora em diante educação não era mais privilégio, pois todos teriam acesso à Escola, sem fardas, com qualquer roupa, até mesmo sem calçados.

Até que enfim a Escola não esperava pelo educando – ia à sua procura onde ele estivesse.

6. - A PROBLEMÁTICA EM NATAL

Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, não poderia fugir à regra geral. E com o agravante da situação, pois o processo educativo entrara num verdadeiro retrocesso.

Grave é a denúncia.

Vinte anos atrás funcionava na cidade, ONZE (11) Grupos Escolares e no ser deflagrado o processo de nossa Campanha, estavam reduzidos a DEZ (10)!

Enquanto isto a população cresceu, multiplicando-se por quatro o número de crianças em idade de escolarização.

A educação pública primária passou, assim por um verdadeiro colapso. A massa de analfabetos cresceu em assustadoras proporções.

A administração que se propusesse a enfrentar o problema não poderia, jamais, alcançar a solução em moldes acadêmicos.

O tempo perdido haveria de ser ganho revolucionariamente.

Em outubro de 1960, pela primeira vez na sua história, o Município de Natal elegia o seu Prefeito pelo voto popular.

A administração que se iniciava trazia matizes de governo de vanguarda, guardava raízes e afinidades com as populações suburbanas. Sua campanha política fora feita, reivindicando o voto popular, no sentido de construir uma administração que fizesse da “educação e cultura meta número um de governo”.

Em 1961, a Prefeitura de Natal, com um orçamento de CR\$ 111.539.000,00 e um déficit de CR\$ 43.659.756,40, consignando CR\$3.756.000,00 para a educação, começava a “guerra” ao analfabetismo.¹

Em seu escopo geral, a campanha atendia a educação de crianças e a de adultos. Justifica esta atitude o fato de que o número de crianças em idade escolar existente em Natal é muito maior de que o número de adultos analfabetos e, portanto, só conseguiremos fazer a erradicação do analfabetismo, se dermos maior importância à alfabetização da criança sem deixar à margem a alfabetização de adultos, evidentemente.

A alfabetização constituindo o núcleo de toda uma obra de cultura popular, deve ter como objetivo máximo integrar o educando na sua comunidade, dando-lhe para isso a oportunidade de sentir e viver a cultura de seu povo.

Cada escola deverá ter os seus serviços próprios e outros em cooperação com a comunidade, visando a integração do educando no seu meio. Tal integração deve ter como sentido uma profunda vivência com a

¹ Em todo o texto fica preservada a indicação da moeda da época, isto é, o cruzeiro. Para efeito de cotação financeira informa-se que, em janeiro de 1962, um dólar valia oitocentos cruzeiros (GÓES, Moacyr de, *De Pé no Chão também se Aprende a Ler*. Cortez Editora. São Paulo, 1991 (pag. 90).

problemática da terra, de tal forma que o aluno sinta a realidade regional, estadual e nacional e reflita sobre tais problemas.

Os serviços que devem integrar o educando no seu meio devem ser constituídos de clubes folclóricos, danças rítmicas, folguedos, pequenos cursos cujo conteúdo visem à discussão de problemas brasileiros, encontros diversos com a comunidades sobre temas como: saúde e sua relação com problemas sócio-econômicos; causas de analfabetismo no Brasil etc.

A integração da criança no meio deve ser atingida através do próprio conteúdo do ensino. Assim é que todo currículo deve ser desenvolvido através de grandes temas que procurem dar ao aluno uma visão de conjunto com uma interpretação de suas implicâncias no setor social.

Ao lado da parte de alfabetização, com todos os recursos de que a Escola deve lançar mão como instituição organizada que tem por fim transmitir a cultura das gerações mais velhas às gerações mais moças, deve vir da parte do ensino profissional que possibilite ao homem meios para sua sobrevivência. Isto ainda deve contribuir para a afirmação do homem como ser humano.

A alfabetização deve, portanto, ser o centro e marco inicial de toda obra de cultura popular, uma vez que não se entende qualquer tipo de cultura que não esteja em evolução, em progresso e a alfabetização de um povo é marco inicial para o seu progresso.

No exame desta problemática, não podemos deixar de lado o problema da mortalidade infantil, porque analfabetismo é conseqüência de miséria, causa fundamental da mortalidade infantil.

Um Boletim da Secretaria de Saúde do Rio Grande do Norte, (estes dados são posteriores ao golpe de abril) divulgado pela imprensa de Natal, em agosto de 1965, indica que a capital norte-rio-grandense tem um dos índices mais altos do mundo de pessoas que morrem sem receber qualquer

assistência médica.

O boletim declara que em janeiro de 1965 faleceram na capital 113 pessoas entre as quais 79 eram **CRIANÇAS**, sem haver recebido qualquer cuidado médico. Diz ainda o mesmo boletim que em julho do mesmo ano esse número subiu para 122, sendo 80 **CRIANÇAS**. Destas 122 pessoas, ainda destaca o boletim da Secretaria de Saúde, apenas 11 morreram por acidentes, homicídios e suicídios, sendo que as demais foram por doenças e sem assistência médica.

De acordo com o Relatório de 1964, feito pelo Ministério da Saúde, o Rio Grande do Norte e conseqüentemente a sua capital, atingiu o **MAIS ALTO ÍNDICE MUNDIAL** igualando com a Índia, no coeficiente da **MORTALIDADE INFANTIL**.

Durante os três anos do governo Castelo Branco aumentou consideravelmente a mortalidade infantil em Natal, principalmente porque:

1. foram fechados 32 (trinta e dois) Postos de Saúde do SESP;
2. foram fechadas 11 (onde) maternidades no interior do estado;
3. foi fechado o Centro de Reidratação Infantil, localizado no Centro de Saúde;
4. não foi construída nenhuma maternidade;
5. o conjunto materno-infantil da Rua Alexandrino de Alencar, construído na administração passada, através de convênio entre os governos Federal e Estadual, não havia sido inaugurado até o momento em que escrevíamos estas notas.

Pé no Chão também se preparava para participar da luta contra a mortalidade infantil. Como primeira etapa seriam construídas quatro (4) maternidades populares nos bairros mais populosos e afastados, na periferia da cidade.

A estrutura metálica para a construção pré-fabricada já havia sido adquirida e o início da sua edificação anunciada para o mês de maio. Antes, porém, tivemos o 1º de abril.

Estas maternidades populares funcionariam em convênio com a Universidade, que através da Faculdade de Medicina e da sua maternidade modelo, daria assistência médica, com alunos internos. Os casos de intervenção cirúrgica seriam transportados em ambulâncias e atendidos pelo serviço de plantão da maternidade Januário Cicco, da UFRN.

7. - UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO DE MASSAS

O analfabetismo é uma das constantes e mesmo uma das características mais marcantes de uma região subdesenvolvida.

Conforme verso e reverso da medalha é causa e efeito do subdesenvolvimento, isto é, sendo causa inicialmente ao subdesenvolvimento, o analfabetismo passa a ser efeito também, na medida em que se constituem entrave às mudanças das estruturas sociais no trânsito para o desenvolvimento.

As regiões só atingem o desenvolvimento depois de passarem pelo processo de erradicação do analfabetismo.

Assim aconteceu com os Estados Unidos, União Soviética, Japão etc.

A campanha “**De Pé no Chão Também se Aprende a Ler**”, foi uma experiência de educação de massas. Com a responsabilidade e com a humildade que cabe aos administradores e aos educadores, assim vemos a revolução que foi levada a efeito em Natal, no campo da educação popular.

Pé no Chão foi um plano pioneiro de combate ao analfabetismo, atingindo as áreas mais pobres e desassistidas da cidade de Natal.

Suas “escolinhas” e seus “acampamentos escolares” ensinaram,

principalmente, as técnicas de ler, escrever e contar.

Atingiu, no primeiro ano de funcionamento, um aumento de **TREZENTOS** por cento (300%) das matrículas relativas ao mês de março do ano anterior.

A escola ia a procura do educando, ministrando uma educação popular e recebendo os seus alunos, sem a exigência de farda nem mesmo de sapato, daí o seu nome: **De Pé no Chão Também se Aprende a Ler**.

A experiência de Natal abriu uma perspectiva para qualquer região subdesenvolvida responder ao desafio do analfabetismo.

A UNESCO reconheceu e recomendou a Campanha **De Pé no Chão Também se Aprende a Ler**, como uma experiência válida para as áreas do mundo subdesenvolvido.

A OEA – Organização do Estados Americanos – na sua reunião de Bogotá, com a presença dos Ministros de Educação de todos os países das Américas, aprovou as teses da delegação brasileira, que apresentou o método do Prof. Paulo Freire para **educação de adultos** e a campanha **De Pé no Chão Também se Aprende a Ler** para **alfabetização da infância**, como legítimos, no processo de erradicação do analfabetismo.

A tarefa era difícil. Mas, se era difícil, não era impossível.

Estes são os limites de uma notícia, da comunicação da experiência que o Governo da Prefeitura de Natal e o povo fizeram no campo da Educação Popular.

Outras oportunidades haverá para um debate em profundidade, do estudo de suas implicações.

Agora finalizaremos este intróito, com o pensamento voltado para a “Oração da Mestra” de Gabriela Mistral, pois haveremos de fazer do espírito mais que a nossa escola de tijolos... a nossa escola de palhas...

III - AS FASES DA CAMPANHA

1. – Primeira Fase: As “Escolinhas”

Sem dinheiro para a construção de prédios escolares, a Prefeitura apelou para a população: onde fosse cedida, gratuitamente, sem cobrança de aluguel, uma sala, seria instalada uma “Escolinha”.

Sindicatos, sociedades beneficentes, sedes de clubes de futebol, cinemas de bairros, igrejas de todos os credos, residências particulares, abriram as suas portas.

A Prefeitura subvencionava uma professora. Aí passaram a funcionar escolas – com as precárias instalações que a municipalidade poderia oferecer inclusive material escolar, livros, cadernos e lápis.

Foram instaladas cerca de trezentas “Escolinhas”, numa eloqüente demonstração de apoio que a população ofereceu à Campanha. Em nenhuma destas salas, repetimos, a Prefeitura pagava aluguel.

a) -1º Comando da Campanha de Educação Popular

Sob a presidência do Prefeito, foi organizado na Secretaria de Educação e Cultura do Município, o 1º Grupo de Trabalho destacada a comandar a Campanha “De Pé no Chão também se Aprende a Ler”.

Foram seus primeiros participantes os professores Moacyr de Góes, titular da Secretaria, Omar Pimenta, Severino Fernandes de Oliveira, Herly Parente, Olívia Marinho, Lia Campos, Eunice Rocha, Eulina Agra, Antônio Campos e Silva, Osvaldo Carlos Ferreira, Ilza Soares Brilhantes, Maria das Dores, Cleomar Dantas, Isabel Alves da Rocha, Naudí, Maria Salviano, Lenira de Souza, e os universitários Ivis Bezerra (Presidente da UEE),

Alberto Pinheiro de Medeiros (Presidente do D.A. de Filosofia), Edísio Pereira (Presidente D.A. de Medicina), secundarista Icleiber Calife (Vice-presidente do Diretório Estudantil “Celestino Pimentel”). Logo em seguida passaram a integrar o referido Grupo de Trabalho, as professoras Margarida de Jesus Cortez, Diva da Salette Lucena, Denise de Felipe, Olindina Santos Lima, Berenice Freitas, Lurdes Varela, Socorro, Anaide Dantas, Francisco das Chagas, Geniberto Campos, Josémar Azevedo. Posteriormente foi consideravelmente ampliado e estruturado em bases bem amplas.

b) - Autocrítica e o Espírito da Campanha

Todos os sábados, pela manhã, a cúpula da Campanha reunia-se, inicialmente no Acampamento pioneiro do bairro das Rocas e, posteriormente, fazendo rodízio, nos demais Acampamentos, com a finalidade de estabelecer um balanço semanal de suas atividades. As tarefas distribuídas no sábado anterior eram examinadas. Em conjunto tomavam-se as necessárias deliberações visando as próximas metas a serem atingidas. Somente assim era possível manter o ritmo crescente da Campanha, através da emulação dos vários setores engajados na luta contra o analfabetismo.

As reuniões davam unidade e criaram o que todos reconheceram: “o espírito da campanha de ‘Pé no Chão’”. Sem este espírito seria impossível obter os resultados que alcançamos. Houve uma absoluta integração e todos os que se identificaram com esse belo movimento passaram a se considerar integrantes de uma fase histórica na vida educacional do Brasil.

As reuniões eram presididas pelo prefeito, presentes o Secretário de Educação, Diretor do Ensino Primário e uma equipe que variava, em média, de quarenta pessoas.

Aproximadamente mil (1000) pessoas trabalhavam na Campanha.

Uma das primeiras deliberações que tomamos foi de que “Pé no Chão” era um movimento irreversível. Vários ângulos foram examinados:

1. contar com o apoio Federal, através do Ministério de Educação;
2. apoio do Governo Estadual por intermédio da Secretaria de Educação;
3. não contar com o apoio Federal nem Estadual;
4. ter contra a Campanha os órgãos Federais e Estaduais.

Preparamo-nos para as mais importantes hipóteses. Partimos sozinhos. Durante a caminhada recebemos, entretanto, estimulante solidariedade.

A única alternativa que não havíamos previsto foi o golpe militar.

C) - CURSO INTENSIVO PARA O MAGISTÉRIO PRIMÁRIO

O primeiro curso promovido pela Campanha “De Pé no Chão Também de Aprende a Ler” , foi iniciado no dia 14 de janeiro de 1961 - 1º ANO DE EDUCAÇÃO da administração municipal – em solenidade no auditório do Ginásio Municipal

Era a vanguarda, o núcleo inicial que ia se engajar na batalha contra o analfabetismo.

O curso foi orientado pela Diretoria do Ensino Municipal e contou com a participação de professores da Secretaria de Educação, Ginásio Municipal e de técnicos do Centro de Pesquisas Educacionais.

Teve a supervisão da professora Lia Campos, técnica do Ministério da Educação e figura do mais alto gabarito nos círculos educacionais do País (ver anexo 2).

d) - Carta-Mensagem do Prefeito

A Prefeitura de Natal apelou para todo o Brasil.

Seis meses depois de iniciada a campanha enviamos o texto da circular que abaixo transcrevemos, para o maior número possível de entidades e personalidades, solicitando apoio.

“Natal, abril de 1961.

Meu caro patrício:

Há momentos decisivos na vida dos povos. É a hora em que a História marca as suas encruzilhadas. Acreditamos que o povo brasileiro vive um desses momentos. Na sua luta contra ao subdesenvolvimento ele precisa se erguer do solo e ganhar a sua independência de ação. E só poderá fazer isto se for alfabetizado e tiver uma educação mínima que o faça afirmativo na sociedade. Acreditamos que chegamos nessa encruzilhada: ou o povo se alfabetiza ou se escraviza.

O povo e a cidade que nos elegeram Prefeito nos impõem o dever de nos dirigirmos a você, para contar o seguinte:

1. Natal tem 60.254 analfabetos, sendo 36.810 crianças e 24.444 adultos. Destes, o ano passado 17.744 tiveram matrículas nas escolas – e 42.510 continuam sem aprender a ler, PORQUE NÃO EXISTEM ESCOLAS.
2. Recebemos, a 5 de novembro do ano passado, a Prefeitura mantendo 86 “Escolinhas”(e este número já é menor do que as que criamos em 1958, - quando de nossa primeira administração). Hoje, nesta data em que lhe escrevemos esta carta, o número de “escolinhas” já está em 205. Mas, são precisas 1.878 para erradicar o analfabetismo da cidade.

Presentemente estamos ensinando a ler até debaixo de palhas pois, nas Rocas, construimos **cinco pavilhões** de 8 metros por 30, **cobertos de palhas de coqueiros, com piso de barro batido**, onde estudam cerca de 1.200 crianças e 300 adultos. Bem justificado é o nosso slogan: **“DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER”**.

Seis meses depois já contamos com dois “Acampamentos Escolares” e a nossa matrícula já aumentou em 300%. São 250 “Escolinhas”.

3. Somos dos que acreditam que a educação é fundamental problema de um povo. Com a praga do analfabetismo não podemos alcançar a **emancipação econômica nem a maioria intelectual**.
4. Por outro lado, a Prefeitura sozinha, não está capacitada, financeiramente, para arcar com todos os ônus da educação popular da cidade. Precisamos, assim, da ajuda de todos. Precisamos da sua ajuda. Sem a sua ajuda fracassaremos. E não podemos fracassar –se da educação das novas gerações (educação para todos) depende o nosso futuro, como povo e como nação.
5. Eis porque estamos nos dirigindo a Você para comunicar que contamos com a sua ajuda na luta contra o analfabetismo e, também, para pedir a sua ajuda para essa campanha. Ajuda:
 - a) na manutenção de uma classe, onde estão sendo alfabetizadas 30 crianças. (Cr\$ 15.000,00 por ano);
 - b) em material escolar (...), lápis, etc..

Em Natal está formado o GRUPO DE TRABALHO DE

EDUCAÇÃO POPULAR. Com sua ajuda ele poderá fazer um grande trabalho em favor do povo. Depende de Você.

Tudo que signifique a sua solidariedade material, moral, intelectual na nossa luta em favor de melhores dias para o povo nós agradeceremos, penhoradamente. Esperamos sua resposta que deve ser dirigida ao Professor Moacyr de Góes, Secretário de Educação e Cultura do Município, Rua Duque de Caxias, 1º andar, Natal.

Meu caro Patrício:

Queremos ser soldados da campanha de **um amanhã melhor para o povo**, através da educação. Essa mensagem queremos recordar a você. De Natal subdesenvolvido, **no Nordeste subdesenvolvido, clamamos para todo o Brasil**: precisamos nos dar as mãos, numa grande força para alfabetizar o povo e oferecer-lhes a educação necessária ao desenvolvimento do país.

Os agradecimentos e a confiança de seu amigo

a) DJALMA MARANHÃO

Prefeito de Natal

2. – Segunda Fase: Acampamentos Escolares

O caráter de indeterminação das “Escolinhas” e a necessidade de atacar o analfabetismo nos locais mais densamente povoados de analfabetos, levou a campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler” à fase dos “Acampamentos Escolares”.

A impossibilidade de construção dos clássicos prédios escolares persistia, mas, havia a premência de uma concentração de escolas junto aos

bairros periféricos da cidade.

A solução encontrada foi a construção de “Acampamentos Escolares”: grandes galpões de 30 x 8 metros cobertos de **palha de coqueiro e chão de barro batido**.

A construção é autenticamente obra de Cultura Popular, usada pelos pescadores das praias nordestinas, herdeira em linha reta da habitação indígena.

Os operários da Prefeitura não souberam construir o primeiro “Acampamento”. Tornou-se necessário que o mestre José Ribamar chamasse os pescadores de “Canto do Mangue”, praia de jangadeiros das proximidades, conhecedores da “virada” e da “amarração da palha” para a realização da tarefa.

a) - Nove “Acampamentos” e 300 “Escolinhas”

O primeiro “Acampamento” marcou o início do trabalho piloto realizado no bairro da Rocas: quatro galpões, com quatro classes cada um e mais um grande galpão circular para recreação, reuniões de círculos de pais e professores e sessões festivas.

Funcionamento em três turnos. Pela manhã, a tarde e a noite.

Em 1961 construíram-se dois “Acampamentos”: Rocas e Carrasco.

Em 1962 o número cresceu para nove: Rocas, Carrasco, Quintas, Conceição, Granja, Nova Descoberta, Nordeste, Aparecida e Igapó. Cobria-se, assim, os principais limites da cidade.

Nesta época, as “Escolinhas”, conforme informamos quando abordamos a “Primeira Fase” da Campanha, já haviam se elevado ao número de trezentas.

b) - Custo dos “Acampamentos”

Mas, o importante do problema é o custo dos “Acampamentos”.

Não havendo recursos, isto é, verba, dinheiro, disponibilidade orçamentária, partimos para uma solução radical, um giro de 360 graus.

Uma Sala de Aula, na época, construída dentro das especificações do Ministério de Educação, ficava em cerca de Cr\$1.300.000,00 (Hum milhão e trezentos mil cruzeiros).

Uma Sala de Aula dos “Acampamentos” da Prefeitura, ficava exatamente por Cr\$ 23.750,00 (vinte e três mil e setecentos e cinquenta cruzeiros).

Estava aí um dos **segredos** da Campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler”. Uma campanha para as regiões subdesenvolvidas (ver anexo 3).

C) - UMA ESTATÍSTICA DA DIRETORIA DO ENSINO

Pela frieza dos números é que se pode ver o esforço despendido pela Diretoria de Ensino, sob a honesta, abnegada e patriótica direção do professor Omar Pimenta, uma das colunas mestras da Campanha, no setor da educação primária.

Tudo foi feito em termos de planificação.

Olhamos para trás e verificamos com satisfação que a nossa Campanha atingiu as populações sofridas dos subúrbios, sempre esquecidas da ação do poder público.

O que realizamos ficou devidamente documentado.

Trazemos, aqui, um dado estatístico. É o resumo do movimento que

se fazia todos os meses. Este é relativo a setembro. Relembra o início de Pé no Chão e também serve para comprovar a seriedade das etapas atingidas, sem demagogia, objetivamente, pedagogicamente (ver anexo 4).

d) – A ESCOLA ECOLÓGICA

Era a escola sem paredes, coberta de palha de coqueiro e o piso de barro batido, mas era também a primeira experiência em grande escala da Escola Ecológica.

A escola que ia ao encontro do aluno, localizada nas áreas suburbanas mais densamente povoadas. Atingia toda a periferia da cidade. A criança pobre não tinha necessidade de deslocar-se para uma região distante de sua residência.

E o mais importante, não exigia uniforme e nem tão pouco sapato para aqueles que a freqüentavam.

Integrava-se completamente com o meio ambiente.

Havíamos recuado no tempo e reencontrado Anchieta ensinando os filhos de nossos irmãos ameríndios, na sombra dos coqueirais.

É por isto que a nossa campanha também transformou-se em apostolado: extirpar do Brasil o cancro do analfabetismo.

A escola sem paredes, e conseqüentemente, sem portas e janelas, tornou-se polêmica. Os tradicionalistas consideravam um absurdo reunir quatro (4) classes em um mesmo galpão, divididas, unicamente, por dois quadros: um negro e outro mural.

Esqueciam-se que na escola primária, diferente da secundária e da superior, a professora leva o maior tempo da aula ensinando de carteira em carteira.

Outro fator que a prática comprovou, é que as vozes das professoras não ecoavam além do ambiente da classe, pois, não havendo paredes, a acústica se reduzia consideravelmente.

Numa região de clima quente, a escola sem paredes não era somente uma solução econômica na sua construção, mas, também, agradável, evitando o calor que tanto impacienta as crianças.

e) - FUNÇÃO SOCIAL DO SINO

O sino é, essencialmente, um instrumento religioso. Colocado na torre de todas as igrejas católicas orienta os fiéis em vários atos das cerimônias religiosas.

Nos acampamentos da campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler o sino tinha uma função social. Não era somente uma simples sineta para anunciar o início e o fim das aulas.

Era um sino com um grande badalo.

Todas as vezes que inaugurávamos um acampamento escolar, fazíamos uma concentração popular, uma festa com a participação de conjuntos folclóricos, cantores, artistas do bairro.

Na metade do show, um intervalo para os oradores explicarem a finalidade da Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler.

Normalmente cabia-me encerrar a solenidade, considerando inaugurado o acampamento e **normalmente** dirigia-me às mulheres. Orientava minhas palavras para as mães e avós ali presentes e dizia mais ou menos que a Prefeitura fazia a entrega daquele acampamento, que passava a ser patrimônio do povo.

Aquela escola não tinha paredes como o grupo escolar e somente uma cerca de arame liso, como isolamento.

Era necessário que alguém tomasse conta do mesmo, zelasse pela sua conservação.

Neste ponto do discursos, mostrava o sino e dava uma badalada.

E continuava ao discurso: este sino serve para chamar os meninos para as aulas e anunciar o fim das mesmas.

Mas, quando este sino tocar fora de horas e de maneira agitada, é sinal que o acampamento corre perigo. É o vigia que está pedindo socorro. Cabe às mulheres defendê-lo.

No final pedia que as mulheres que voluntariamente desejassem defender o acampamento escolar, sem parede, coberto de palha de coqueiro e com piso de barro batido, levantassem os braços.

Não precisa dizer que uma floresta de braços femininos se erguiam com entusiasmo.

Estava realizada a primeira integração da comunidade com Pé no Chão.

Os bêbados, os desordeiros, marginais de todas as espécies, passavam a respeitar o acampamento com a mística das coisas sagradas. A mística que emana das coisas que possuem raízes no coração do povo.

3. - TERCEIRA FASE: ALFABETIZAR DE CASA-EM-CASA

A terceira fase foi tentada, a título de experiência, uma experiência arrojada, somente no bairro das Rocas, que já havia servido de fundamento para o trabalho piloto da Segunda fase da campanha.

A pesquisa prévia localizou um resíduo de adultos analfabetos que faziam resistência de ir a escola.

Iniciamos, então, um autêntico trabalho de catequese: de casa-

em-casa.

Pessoalmente integramos, várias vezes, o grupo de trabalho, nas visitas às ruas aonde se desenvolvia o esforço de erradicação do analfabetismo.

Uma caminhonete, equipada com alto-falante, acompanhava a comitiva, divulgando música e slogans referentes à campanha.

Aconteceram episódios pitorescos. Em algumas oportunidades éramos confundidos com os pregadores das missões evangélicas nas suas tarefas religiosas. Pé no Chão fazia a sua pregação cívica.

Executou-se, então, um trabalho com professores-meninos-voluntários que de casa-em-casa, de porta-em-porta, alfabetizavam esses alunos adultos não levados para a escola. A maioria destes meninos-professores, pertenciam ao último ano do curso primário do grupo Isabel Gondim, dirigido pelo mestre Acrísio Freire.

Vinte e cinco núcleos prestaram serviços em 1962.

Lançamos, então, a idéia de fazer emulação entre as ruas. Da mesma maneira como na zona suburbana as populações empolgam-se e dividem-se na preferência pelo “cordão azul” “ou pelo “cordão encarnado”, nos Pastoris e nas Lapinhas e integram-se nas “torcidas” organizadas para aplaudir os seus clubes esportivos favoritos, incentivando-os à vitória, imaginamos interessar o povo na competição para derrotar o inimigo comum, que é o analfabetismo.

A emulação de uma rua contra outra rua, para obter o direito de inaugurar uma placa, dizendo: “Nesta rua não existe nenhum analfabeto.”

Através de criteriosas pesquisas, foram identificados os analfabetos recalcitrantes de várias ruas.

Faixas foram colocadas nessas ruas:

**“Campanha De Pé no Chão também se Aprende a Ler. – Nesta rua
restam somente 22 analfabetos (*por exemplo*) – Ajude o Prefeito
Djalma Maranhão a combater o analfabetismo”.**

Dura e cansativa luta em benefício do futuro da Pátria, mas que se transformou na pedra principal do processo em que somos acusados de subversivo... muitos não compreendiam a nossa obstinação e alguns chegaram a comentar que o Prefeito estava ficando maluco com aquela história de fazer todo mundo aprender a ler. Não fomos para o manicômio. Aconteceu pior. Algemado, humilhado, fomos para a Ilha de Fernando de Noronha.

a) -PESQUISA SOBRE ANALFABETISMO

Na Prefeitura sempre trabalhamos na base de equipes, existia, portanto, uma equipe destinada a fazer pesquisas. Era dirigida pelo jovem antropólogo Antônio Campos e Silva e pelo professor Alberto Pinheiro, ambos diplomados pela Faculdade de Filosofia e com a participação das professoras Lenira e Rita, e um grupo de estudantes universitários.

A esta equipe, integrada no Grupo de Trabalho de Educação Popular (GTEP), coube a missão de organizar uma grande experiência educacional, de modo a orientar posteriores iniciativas nesse terreno.

Para realização dessa experiência, ou **plano piloto**, foi escolhido em virtude da alta densidade demográfica, pequena área e elevado índice de analfabetismo (...) o bairro das Rocas.

Para maior eficiência, dividiu-se o bairro em quatro setores: a) - acampamento, com sede nas Rocas de Cima; b) - Rocas de Frente, abrangendo imediações do Grupo Isabel Gondim, até a rua São Francisco c) - trecho da rua São João, Canto do Mangue, na região do mesmo nome;

d) - e, finalmente, Aerial, até os limites da rua do Motor.

Cada um dos setores supra referidos contava com um chefe de equipe, um universitário que o assessorava, uma orientadora educacional e uma pessoa do próprio bairro, que agia como elemento de ligação.

A propaganda que se iniciou antes dos trabalhos propriamente ditos, é de dupla natureza: propaganda em massa, efetuada em caminhonete equipada de alto-falantes, e individual, de casa em casa, para qual as entrevistas da Pesquisa Educacional têm prestado valioso auxílio.

Uma Segunda fase, foi a propaganda escrita, com a distribuição de cartazes encerrando a legenda: **DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER.**

Simultaneamente, com os trabalhos de propaganda e instalações de escolas, foi iniciada uma pesquisa educacional sobre o analfabetismo nas Rocas, a qual foi levada a efeito em duas etapas:

1. Trabalho de campo, constituindo-se num inquérito, de residência em residência, o qual é integrado, essencialmente, por quatro elementos: idade, desejo ou não de estudar, porque não deseja estudar e tempo em que mora nas Rocas. Após este inquérito, procediam-se, também, entrevistas por amostragem.
2. Trabalho de gabinete: apuração e crítica dos dados, mapeamento do número de analfabetos por quarteirão e redação final de relatório da pesquisa.

a. 1) - INTRODUÇÃO AO PROBLEMA

O bairro das Rocas é um bairro proletário por excelência. Integram a população pequenos funcionários públicos, médios comerciantes, pescadores, estivadores, lavadeiras, além de um número reduzido de

marginais. População mista na qual o contingente vindo do interior não é o menor. São pescadores vindos de outras praias ou agricultores que vieram do interior para a capital em busca de melhores níveis econômicos ou tangidos pela seca.

O analfabetismo apresenta-se com um aspecto endêmico, especialmente entre os adultos, e o ambiente criado por indivíduos de baixos níveis sociais que integram o bairro não contribui pouco para isto.

Não andaríamos longe da verdade se afirmássemos que a maioria dos analfabetos vêm de fora: são os elementos imigrados do interior. Os naturais do bairro, analfabetos, são remanescentes do período em que ainda não havia razoável assistência escolar para fazer frente às necessidades locais. Uma pequena amostragem põe em destaque esse fato (ver anexo 5).

4. - QUARTA FASE: CRIAÇÃO DO CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Entrou em funcionamento em dezembro de 1962. Era a cúpula pedagógica e ponto irradiador de todas as atividades da Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler.

Dirigia o centro a professora Margarida de Jesus Cortez, catedrática da Faculdade de Filosofia. Foi a pessoa com mais vocação missionária que encontrei. A sua missão evangelizadora, na fidelidade milenar aos princípios do cristianismo, tanto poderia ser executada no Alto Solimões, na catequese de uma tribo de índios, como em Natal, ensinando a ler milhares de crianças e adultos, marginalizados da sociedade.

Na estátua de “Pé no Chão” o nome de Margarida será gravado pelas gerações porvindouras, ao lado da legenda imperecível de Moacyr de Góes, então secretário de Educação. Sem falsa modéstia, podemos afirmar

que Moacyr e Margarida entraram para a história educacional do Rio Grande do Norte e do Brasil. De agora em diante, quando se escrever sobre o problema do ensino, da alfabetização os seus exemplos, as suas experiências, o método de Pé no Chão, será forçosamente citado. Um método brasileiro, com recursos brasileiros.

O Centro tinha os seguintes objetivos:

- 1º - Formar professores para atender às necessidades da Campanha, através de três (3) tipos de cursos:
 - a) **EMERGÊNCIA** (preparação a curto prazo, com 3 ou 4 meses de treino);
 - b) **GINÁSIO NORMAL** (preparação a longo prazo com 4 anos de escolaridade após a conclusão do primário);
 - c) **COLÉGIO NORMAL** (preparação a longo prazo com 3 anos de escolaridade após a conclusão do curso médio do 1º ciclo.
- 2º - Fazer a coordenação técnico-pedagógica da Campanha.
- 3º - Manter uma Escola de Demonstração, (primário) que sirva de laboratório à Campanha.

a.) - ROCESSO DA LEGALIZAÇÃO DO C.F.P.

O Centro de Formação de Professores não era uma improvisação, fruto de um estado emocional. Transcrevemos a marcha da legalização do Centro, nos órgãos competentes, o Conselho Estadual de Educação.

Foi rigorosamente estruturado dentro da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, preenchendo todos os requisitos pedagógicos e o que é mais sério, abrindo para o Brasil uma nova fase no processo educacional. O caminho certo para resolver o secular problema do analfabetismo.

O relatório da matéria, no CEE, coube ao Monsenhor Nivaldo Monte, posteriormente elevado à dignidade de bispo e atualmente exercendo as elevadas funções eclesíásticas de Administrador Apostólico da Arquidiocese de Natal. Seria interessante que aqueles que não compreenderam a patriótica missão da Campanha dessem ouvidos ao episcopado brasileiro. A mesma perseguição que sofreu Pé no Chão, sofreu, também, o Movimento de Educação de Base, dirigido por Dom Távora, Arcebispo de Aracajú. (ver nexos 6)

b) - CURSO DE EMERGÊNCIA DIPLOMA MIL PROFESSORINHAS

O Centro de Formação de Professores promoveu três Cursos de Emergência, os quais obtiveram pleno êxito.

Explica-se a necessidade da realização de Cursos de Emergência, tendo-se em vista a grande falta de professores diplomados. Este é um fenômeno comum a quase todas as cidades brasileiras.

O 1º curso diplomou 481 (quatrocentos e oitenta e um) candidatos, sendo 6 do interior do Estado.

No 2º Curso forma diplomados 124 candidatos, sendo 18 do interior, que vieram a mando dos Prefeitos, e estão ensinando por conta das respectivas Prefeituras.

O 3º Curso (não tenho em meu poder as estatísticas) mas podemos informar que foram diplomados mais de 400 (quatrocentos) candidatos.

Os Cursos de Emergência, sem que seja descuidada a preparação do professorado com o curso completo, é a solução para qualquer campanha de alfabetização de massa, que se deseje levar adiante, visando obter êxito.

Todos os candidatos diplomados pelos cursos foram aproveitados na

Campanha para lecionar nos acampamentos e escolinhas.

Assim sendo, o Centro de Formação de professores da Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, no seu primeiro ano de atividade, preparou mais de **MIL** regentes de classe, demonstrando, na prática, que o problema do analfabetismo é difícil, mas, não é impossível de resolver.

C) - COORDENAÇÃO TÉCNICO-PEDAGÓGICO DA CAMPANHA

Com a criação de Centro de Formação de Professores, conseguiu-se a sistematização da Campanha do ponto de vista técnico-pedagógico.

Esta tarefa era exercida por uma equipe de 40 (quarenta) orientadoras pedagógicas, todas tituladas pela Escola Normal de Natal e muitas delas de nível universitário, dirigida pela professora Clivia Marinho, inexcedível em sua dedicação:

- 1.1. Técnicas de Supervisão;
- 1.2. Encontro de Orientadoras.

Semanalmente todas as orientadoras e diretoras de acampamentos reuniam-se no Centro, a fim de planejarem e discutirem suas atividades.

Estas reuniões eram feitas às sextas-feiras, durante o dia todo. Pela manhã havia uma reunião geral com todos os grupos. Nesta reunião, os grupos que trabalhavam separadamente, apresentavam as atividades, planejadas e discutidas, à diretoria pedagógica do Centro, a fim de serem submetidas à apreciação.

Também, semanalmente, havia um encontro entre as professoras dos acampamentos e as orientadoras pedagógicas. Era nesta reunião que as orientadoras transmitiam às professoras as atividades planejadas por elas, desenvolvendo discussões para que as mesmas se adaptassem ao nível das

diversas turmas.

d) - AS “PROFESSORINHAS”

Comovedora é a história da preparação do professorado para a campanha.

A primeira grande dificuldade econômica havíamos superado quando optamos pelos “Acampamentos Escolares”, grandes galpões cobertos de palha de coqueiro, sem parede, o piso de barro batido, cujo custo de construção estava dentro de nossas possibilidades.

Restava outro obstáculo: o fantasma da falta de professores.

Mesmo na hipótese absurda de obtermos dinheiro, não existia professores diplomados para preencher as classes com a avalanche de crianças em idade escolar. A escola Normal de Natal, nos seus 40 anos de gloriosa existência não tinha formado professores suficientes para atender às necessidades do atendimento escolar da cidade. Não havia nem dinheiro nem professores...

E o comando da campanha “arregaçou as mangas”, partindo para a luta, mergulhando no “mar tenebroso” do analfabetismo.

Tudo era experiência. Várias tentativas foram feitas e várias foram as vezes que voltávamos à estaca zero, para reiniciar tudo novamente.

O que salvava, o que evitava que abandonássemos a batalha, era o espírito da Campanha. Ninguém nunca pensou em desertar, em ensarilhar as armas. Havia obstinação, idealismo.

A conjuntura inicial, o primeiro passo, foi o recrutamento de pessoal.

A experiência, unicamente com estudantes, não aprovou. O estudante é força motriz, forma a vanguarda. Magnífico na tarefa de agitar o problema, de transmitir entusiasmo, de galvanizar o meio ambiente. Não

tem, entretanto, a necessária maturidade para assumir determinadas “responsabilidades de rotina”, o terra-a-terra, dia-a-dia, a repetição monótona dos mesmos problemas, chamado “trabalho de formiga”.

E no embate contra o analfabetismo o “trabalho de formiga” é imprescindível.

Fomos recrutar o pessoal no subúrbio, no próprio palco aonde ia se desenrolar a epopéia.

O aspecto social teve predominância. Centenas de moças haviam cursado a Escola primária, mas não tinham podido continuar os estudos, atingir a secundária. A maioria esperava encontrar um rapaz, casar, construir um lar. Outras obtinham modestos trabalhos, numa cidade sem fábricas para absorver uma parcela da mão-de-obra feminina.

O restante estava em processo de marginalização.

Estas moças não tinham diante de si nenhum horizonte. Seus destinos era envelhecer, residindo com os pais, tios ou irmãos, na amargura de uma velhice sem nenhuma motivação. Ou então o tortuoso caminho dos desajustes sociais.

Feito o recrutamento das moças, através de uma intensa campanha realizada nos subúrbios, foram as mesmas matriculadas nos Cursos de Emergência.

Não tínhamos a pretensão de formar professoras. Simplesmente preparar em curto prazo, regentes de classe, que passaram a ser popularmente denominadas de professorinhas.

As professorinhas faziam um Curso Intensivo de 03 (três) meses com a finalidade de aprender a aplicar o método, saber executar os planos de aulas.

Semanalmente um Grupo de Trabalho integrado por professoras diplomadas, algumas com curso superior da Faculdade de Filosofia,

preparava o Plano de Aula da semana entrante.

Este plano era mimeografado e as supervisoras pedagógicas reuniam, aos sábados, cada uma com o seu grupo de professorinhas, dando-lhes as instruções de como aplicar o mesmo. Um método simples, para ensinar a ler, escrever e contar.

As professorinhas, depois de freqüentar o Curso de Emergência, eram classificadas numa “escolinha” ou em um “acampamento”, nas imediações de sua residência. Isto evitava que tivessem necessidade de deslocar-se para outro bairro, gastar dinheiro com transporte. No seu “habitat” ela podia comparecer com o vestido simples, o sapato caseiro.

A campanha não pagava salário, retribuindo o trabalho com uma gratificação irrisória. No começo eram dois mil cruzeiros e depois cinco mil cruzeiros mensais. Não remunerava melhor, porque não tinha recursos.

Para compensar a deficiência da remuneração, as professorinhas tinham outras compensações.

Em primeiro lugar a grande maioria retornou a estudar. As que haviam concluído o curso primário, foram matriculadas em um curso pré-normal, a fim de habilitarem-se ao exame de admissão ao ginásio normal da própria campanha. Era o roteiro para a obtenção de um diploma de professora. As demais faziam os intensivos que eram etapas, dentro da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para chegar ao 1º ano normal.

Um outro aspecto que a prática demonstrou é que o elemento feminino prevalecia, esmagadoramente, sobre o masculino no recrutamento para o ensino de crianças. Mas, nos cursos noturnos para adultos, entretanto, havia ponderável número de rapazes como regentes de classe.

O grande impacto, entretanto, era o psicológico.

Estas moças foram retiradas do anonimato e lançadas na luminosidade da Campanha que galvanizava a cidade.

Passaram a ter um título: professorinhas. Os pais, na sua maioria de origem humilde, orgulhavam-se da nova situação das filhas. As suas próprias residências passaram a ser denominadas, na vizinhança como a casa da professorinha.

Aconteceu, então, um fenômeno sociológico. Centenas de moças, sem prévia politização, integram-se na vanguarda de um movimento que levava em suas raízes a seiva da libertação nacional.

As professorinhas defendiam e propagavam Pé no Chão, porque a sua própria projeção, não somente educacional, mas as suas promoções cívicas, desportivas, recreativas, folclóricas etc., representavam uma valorização para as mesmas no meio ambiente em que vivam.

Aprende-se muito trabalhando-se com as camadas mais sofridas e sacrificadas da população!

Campanha para educar os filhos do povo, defendida e valorizada pelo próprio povo.

E.) - ESTUDOS DE PROBLEMAS DA ESCOLA PRIMÁRIA

Os diversos cursos que funcionavam no Centro de Formação de Professores, tiveram oportunidade de promover, contando com a colaboração de alunos da Escola Normal, uma Semana de Estudos sobre a Escola Primária, realizada em agosto de 1962 e que constou do seguinte temário:

- O Ensino Primário em Natal: número de escolas da cidade; método utilizado. Problemas de disciplina.
- A situação do professor em Natal: condições técnicas de trabalho; cursos de aperfeiçoamento e formação:
- O aluno na escola atual: a situação econômica e social do

aluno; relacionamento do aluno e professor.

- Alfabetização de adultos: necessidade e importância; problemas do analfabetismo: conseqüências.

f.) - VISITAS DAS ORIENTADORAS

Diariamente as orientadoras pedagógicas faziam visitas às escolinhas, a fim de verificar se as professoras estavam desenvolvendo, normalmente, o Plano da Semana e o rendimento das classes.

Semanalmente o Centro preparava um plano e distribuía com os acampamentos e escolinhas.

Quando se tratava de acampamentos, havia orientadoras fixas, passando o dia orientando, no próprio acampamento, assistindo aulas, observando o andamento das turmas e corrigindo as falhas, caso se apresentassem.

g.) - INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Em cada acampamento existia uma biblioteca à disposição dos alunos e professores.

As orientadoras organizavam listas de livros, relacionados com o plano que estava sendo desenvolvido e entregavam às professoras a fim de que elas consultassem, facilitando, assim, seus trabalhos de pesquisas.

h.) - SUGESTÃO POR ESCRITO

Quinzenalmente o Centro expedia uma lista variada de sugestões pedagógicas para toda a Campanha, acompanhada de um plano, composto

de um suplemento e das atividades a serem desenvolvidas.

Estas sugestões eram preparadas no Centro por uma equipe de planejamento e devidamente mimeografadas.

i.) - SEMANAS DA SAÚDE

Destinadas às famílias dos alunos e à comunidade em geral, realizavam-se as Campanhas de Saúde, em colaboração com a Universidade do Rio grande do Norte. A principal finalidade era despertar o interesse da comunidade no que se refere aos cuidados necessários à conservação da higiene pessoal e do lar.

Além da Universidade colaboravam com as Semanas de Saúde, outras instituições, como SESI, DNERu, CIAT etc.

j.) AVALIAÇÃO DO RENDIMENTO ESCOLAR

A avaliação do rendimento escolar era feita através da aplicação de testes elaborados pela equipe da orientação pedagógica e aplicadas duas vezes ao ano.

Essas avaliações tinham a coordenação geral do Centro.

No final das aplicações, cada orientadora apresentava uma tabulação dos resultados, bem como as representações gráficas correspondentes.

Além desses **testes** que se destinavam mais à avaliação dos conhecimentos, uma **avaliação em termos qualitativos** também era feita e destinavam-se a medir atitudes, formação de hábitos, habilidades etc.

Fazia parte ainda da avaliação e aplicação mensal de testes, elaborados pelas próprias regentes de classes sob a supervisão das orientadoras.

O aproveitamento demonstrado pelos testes aplicados em dezembro de 1962 e julho de 1963 foram, respectivamente, de 74 e 85 por cento.

k.) - PROMOÇÃO ESCOLAR

A promoção escolar não constituía problema porquanto ela era feita individualmente, tendo em vista capacidades e limitações dos alunos.

A preocupação maior era no sentido de acompanhar o aluno e assisti-lo (...) de tal forma que ele apresentasse um rendimento escolar tão alto quanto ele fosse capaz.

l.) - SERVIÇOS DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES

O difícil para a Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, não era somente abrir escolas, pois, com o déficit escolar existente, onde se instalava uma sala de aula chegavam os alunos.

O mais difícil era prover a assistência permanente a uma qualidade de ensino cada vez melhor, apesar do pessoal leigo; em abastecer de material acampamentos e escolinhas, uma vez que o livro, o caderno, o lápis eram distribuídos gratuitamente, pois a população que freqüentava a Campanha não dispunha de recursos para adquirir os instrumentos de estudo.

Assim, atividades complementares assumiam importante papel, conforme iremos examinar.

m.) – A PESQUISA SOBRE EVASÃO ESCOLAR

O serviço de pesquisa centralizava o seu trabalho no estudo da

evasão escolar e da avaliação do rendimento.

Havia uma equipe que fazia visitas aos lares, procurando as causas da evasão escolar e procurando contê-las.

n.) - CÍRCULOS DE PAIS E PROFESSORES

Ao lado da alfabetização, atividades outras buscavam integrar a escola na comunidade.

Merece especial atenção o círculo de pais e professores, aproximando aqueles que mais de perto podem influir na educação da criança. Os círculos atuavam em vários sentidos: levar ao conhecimento das professoras os problemas dos pais, oferecer a estes uma orientação sã para a formação dos filhos, aproximar ambos os segmentos, organizando-os num grupo que seria uma verdadeira força política, atuante sobre a estrutura social de bairro.

Estudando o problema educacional através do binômio **escola-família**, os Círculos ajudavam na integração da Campanha na comunidade.

Dirigia o círculo de pais e professores, a professora Olindina Santos Lima, altamente conceituada nos meios educacionais do Estado.

o.) - RECREAÇÃO INTENSIVA

Além da recreação própria, os acampamentos possuíam parques infantis e regentes de classes que se especializaram em recreação.

A recreação orientada foi um dos fatores neutralizantes da comum evasão escolar.

p.) - MERENDA ESCOLAR

É triste afirmar, mas muitas vezes a merenda escolar é a primeira refeição do educando. Esta merenda se enriquecia na medida em que os alunos trabalhavam mais nos aviários e hortas.

Foi outro fator de combate à evasão escolar. A merenda, diante da pauperização das áreas onde atuavam a da Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, assumiu o papel de forte motivação escolar.

q.) - AVIÁRIOS E HORTAS: EDUCAÇÃO PARA A PRODUTIVIDADE

A educação simplesmente livresca já tem o seu atestado de óbito passado. Os acampamentos, em sua maioria, estavam aparelhados com hortas e aviários.

As crianças plantavam hortaliças e algumas espécies de fruteiras, iniciando-se, assim, nos rudimentares princípios de agricultura. Tomate, pimentão, alface, mamão, etc., produzidos serviam para melhorar a merenda escolar. Tinha, também, outra finalidade, combater os tabus alimentares. Exemplo: tomar leite e comer determinadas frutas.

Os aviários eram modernos, construídos com tela de arame, dentro da técnica de um mínimo espaço para um máximo de produção. Os alunos cuidavam das galinhas e a produção diária de ovos revertia, também, para a merenda. Faziam aprendizado da avicultura.

As professoras responsáveis por este setor freqüentaram um curso ministrado em Natal pelos técnicos da F.A.O. Os órgão das Nações Unidas prestigiaram sempre a Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler. O “Boletim del Fondo de las Naciones Unidas para la Infancia”, n.º

27 de 1962, publicou uma ampla e elogiosa reportagem sobre a Campanha.

Pé no Chão despertava o educando para a produtividade, demonstrando que as comunidades precisam se organizar na luta contra o pauperismo e a alienação da realidade.

r.) – BIBLIOTECAS ROTATIVAS E CÍRCULOS DE LEITURA

Os Acampamentos eram aparelhados com pequenas bibliotecas que, em rodízio, atendiam professores e estudantes.

Sob a supervisão da Diretoria do acampamento, que normalmente é uma orientadora pedagógica, as regentes de classe organizavam Círculos de Leitura, objetivando o conhecimento e o debate de obras pedagógicas para a formação do magistério, quando procuravam aperfeiçoar os seus conhecimentos.

Também nas classes, os livros da biblioteca eram utilizados para leitura em comum e interpretação de suas estórias infanto-juvenis.

Com um acervo de cerca de cem livros e permanência de um mês em cada Acampamento, essas bibliotecas ofereciam leituras de mil livros por ano em cada local (ver anexo 6).

s.) - TEATRINHO JOÃO REDONDO

O setor de recreação usou com êxito o Teatrinho de Fantoques, nas festas escolares e nos Círculos de Pais e Professores.

A Campanha de Pé no Chão, na busca de sua autenticidade cultural, adotou o nome de teatrinho João Redondo, denominação popular no Rio Grande do Norte desse tipo de representação artística. Mais ou menos o que os franceses fazem de *marionette* ou *polichinello* e os italianos *guignol*

ou *pupazzi*.

t.) - PROGRAMA DE RÁDIO

Completando o trabalho que se fazia em cada comunidade, a campanha atingiu todo o Estado, através do programa de rádio levado diariamente ao ar de 11;30 às 12:00 horas, pela Rádio Nordeste de Natal, retransmitida pela Rádio Brejuí, de Currais Novos.

O programa era de caráter sócio-cultural-educativo, dirigido a um público infantil, mas, com objetivo de atingir o adulto.

Constava das seguintes partes:

1. apresentação, de forma dramatizada de histórias infantis e esquetes sobre assuntos e problemas brasileiros de compreensão infantil, seguida de um debate ou análise do assunto apresentado na história ou esquete. Esta análise dirigia-se mais ao adulto. Nesta primeira parte trabalhavam três personagens populares, consistiam na figura de um vovô (vovô Patrício), de uma criança (Chiquinho), e da mãe de Chiquinho (Dona Suzana).
2. A segunda parte era mais recreativa e variada, focalizando os seguintes temas: música infantil, divulgação da música popular brasileira, temas educativos de ordem psico-pedagógicos. Por exemplo: a criança problema, educação doméstica, relações entre a escola e o lar, folclore, histórico e curiosidades dos municípios do Rio Grande do Norte.
3. A terceira parte constava de uma notícia rápida sobre atividades da Prefeitura e divulgação de informações da Campanha.

O programa estava à disposição da Campanha, saindo às vezes de sua rotina, toda vez que havia um empreendimento do setor cultural, visando atingir o maior número possível de participantes, como também, o horário do programa estava à disposição de quaisquer outros movimentos de caráter popular.

O programa de rádio era supervisionado pela professora de nível universitário Diva Salete de Lucena e integrado pelo jornalista Carlos Lima, locutor Gutemberg Marinho, atores Artunio Maux e Glorinha Oliveira.

u.) - 1º - SEMINÁRIO DE ESTUDOS DOS PROBLEMAS DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO MUNICÍPIO DE NATAL

Foi a mais séria tentativa feita no sentido de levantamento das realidades educacionais e culturais da cidade, em toda a sua história.

Obteve o mais absoluto sucesso.

Constou de um ciclo de conferências e debates, em quatro semanas distintas, abordando temas diversos de interesse de ensino no Município. Realizou-se em locais diferentes, como sejam Ginásio Municipal, Escola Doméstica, Faculdade de Filosofia e Escola Normal.

Damos abaixo o temário-calendário constante do 1º Seminário de Estudos dos Problemas de Educação e Cultura do Município de Natal, que foi o seguinte:

MARÇO – 20 horas – Ginásio Municipal

DIAS	ATIVIDADES	RESPONSÁVEL
06	Região e Educação	Luiz da Câmara Cascudo
07	Escola Natalense e Comunidade	João Wilson Mendes Melo

08	A Escola Natalense, o Humanismo e a Técnica	Hélio Galvão
09	A Escola Particular em Natal	Carmem Pedroza
10	A Escola Pública em Natal	Luiz Maranhão Filho
11	A Escola Confessional em Natal	Padre Manoel Barbosa

ABRIL – 20 horas – Escola Normal

DIAS	ATIVIDADES	RESPONSÁVEL
03	Atividades Culturais Extra-classes em Natal	Alvamar Furtado
04	Administração Escolar em Natal	Max da Cunha Azevedo
05	A Escola Natalense e a Orientação Educacional	Elza Sena
06	A fixação do Aluno à escola primária em Natal	Maria Alexandrino Sampaio
07	A reforma do ensino primário no Rio Grande do Norte e em Natal	Lia Campos
08	A Escola para Excepcionais em Natal	Severino Lopes

MAIO – 20 horas – Faculdade de Filosofia

DIAS	ATIVIDADES	RESPONSÁVEL
08	O Ensino Secundário em Natal	Ascendino H. de Almeida
09	O Ensino Comercial em Natal	Ulisses de Góes
10	O Ensino Industrial em Natal	Irineu Martins
11	O Ensino Normal em Natal	Chicuta Nolasco Fernandes
12	O Ensino Doméstico em Natal	Noilde Ramalho
13	O Ensino Universitário em Natal	Edgar Barbosa

JUNHO – 20 horas – ESCOLA DOMÉSTICA

DIAS	ATIVIDADES	RESPONSÁVEL
05	A Escola Natalense, a Arte Tradicional e a Cultura Popular	Veríssimo de Melo
06	A Escola Natalense, Biblioteca e Museus	Zila Mamede
07	A Escola Natalense, a Música	Américo de Oliveira Costa
08	A Escola Natalense, a Literatura, as Ciências	Núbia Borges
10	Uma experiência no Setor Educacional em Natal	Grimaldi Ribeiro

O Seminário foi coordenado diretamente pelo Secretário de Educação Professor Moacyr Góes e secretariado pelos professores Severino Fernandes de Oliveira e Omar Fernandes Pimenta.

As conferências e debates foram devidamente gravados em fita magnética e depois reconstituídos, para a publicação dos Anais.

Os Anais do 1º Seminário de Estudos dos Problemas de Educação e Cultura do Município de Natal, seriam entregues ao público, nas solenidades comemorativas ao término de nosso governo, término que foi “antecipado” pelo golpe de abril. Nunca é demais repetir que o Seminário foi a mais séria iniciativa já realizada, visando equacionar os seculares problemas relacionados com a educação e a cultura da cidade.

Um dia estes Anais serão publicados.

5. - QUINTA FASE: ENSINO PROFISSIONAL – ‘DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE UMA PROFISSÃO’

Ensinar que um **B** com **A** faz **B-A-BÁ** não basta.

Complementando a Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, surgiu uma outra Campanha: De Pé no Chão Também se Aprende uma Profissão. Destinava-se a dar ao jovem e ao homem alfabetizado, através de Cursos de Aprendizes, os instrumentos profissionais para um Nordeste que vai amanhecendo para a sua industrialização.

Instalada a 11 de fevereiro de 1963, iniciando as suas atividades com oito (8) cursos de aprendizes, elevando-se dentro de alguns meses para 17 e posteriormente para trinta (30) o total de cursos em funcionamento.

Os cursos de aprendizes eram divididos em três turnos, pela manhã, a tarde e a noite e distribuídos nos acampamentos, assim especificados:

- **ROCAS** – Corte e Costura, Alfaiataria, Marcenaria, Sapataria, Telegrafia, Elementos de Eletricidade, Barbearia, Bordado à Mão;
- **CARRASCO** – Barbearia, Corte e Costura, Corte de cabelo feminino, Enfermagem de urgência, Datilografia, Taquigrafia, Encadernação e Corte e Costura;
- **QUINTAS** – Alfaiataria, Sapataria, Marcenaria, Barbearia, Corte e Costura;
- **CONCEIÇÃO** – Telegrafia, Sapataria, Marcenaria, Alfaiataria, Corte e Costura e Barbearia;
- **NOVA DESCOBERTA** – Artesanato; Bordado à mão, Bordado à máquina e Cerâmica.
- **GRANJA** – Alfaiataria, Enfermagem de urgência e Corte e Costura.
- **NORDESTE** – Artesanato, Bordado à mão, Corte e Costura e Barbearia.

a.) - MATRÍCULA INICIAL DE DOIS MIL

Deve-se ressaltar o interesse despertado pela “Campanha da Profissão” no meio da população suburbana, desde a criança ao adulto, de ambos os sexos.

Este interesse pode-se constatar por intermédio de uma matrícula nos diversos cursos, que se elevou rapidamente a dois mil aprendizes, com uma freqüência e rendimento plenamente satisfatório.

Estava em marcha um plano para multiplicar a atividade da Campanha.

b.) - OS PRIMEIROS DIPLOMADOS

Em agosto foi diplomada a primeira turma de cento e quarenta e oito (148) aprendizes aos cursos: Corte e Costura, Enfermagem de Urgência, Sapataria, Marcenaria, Barbearia, Datilografia, Artesanato e Encadernação.

Em novembro foram entregues novos certificados a mais de quatrocentos (400) aprendizes.

Era realmente emocionante verificar-se os resultados positivos da Campanha da Profissão. Numa região aonde mão-de-obra especializada ainda está em fase embrionária, os “Aprendizes de Pé do Chão” obtinham meios de ganhar a vida imediatamente, logo que concluía os cursos.

De Pé no Chão Também se Aprende uma Profissão sensibilizou ponderáveis setores da indústria e foi mesmo apontado por dirigentes das classes empresariais, como o caminho mais curto para a formação de mão-de-obra especializada na desesperada tentativa para absorção dos excedentes da população rural.

Este setor do plano educacional da Prefeitura, era dirigido pelo Dr.

Érico de Sousa Hackrat, a cujo dinamismo e excepcional capacidade de trabalho, deve-se ponderável parcela dos êxitos obtidos.

c.) - O ALUNO-BARBEIRO

Alguns Acampamentos Escolares atingiram a matrícula de 1.500 (hum mil e quinhentos) alunos.

Podiam freqüentar as aulas descalços, conforme já demonstramos. Recebiam material escolar: livro, caderno, lápis. Tinham direito à merenda.

Mas, os casos não ficavam somente nisto. Problema econômico, a batalha frente à miséria crônica em uma região subdesenvolvida, é uma luta amarga, desigual.

A maioria dos meninos ficavam com os cabelos crescidos. Os pais não tinham recursos para mandá-los normalmente ao barbeiro. Eram forçados a seguir, mesmo sem vocação, a moda dos Beatles.

Iniciada a Campanha de Pé no Chão Também se Aprende uma Profissão, a primeira etapa foi preparar alunos-barbeiros.

Realmente comovente era assistir um menino cortando o cabelo de outra criança.

Rapidamente aprendiam a técnica, manejando a tesoura, o pente e a máquina com maestria.

Em todos os acampamentos, paralelo à Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, havia a Campanha da PROFISSÃO.

Pitorescamente chamavam de “banco dos cabeludos”, às carteiras destinadas aos que diariamente eram enviados pela Diretora do Acampamento à barbearia.

O cabelo era cortado no estilo que o menino indicasse. A maioria

preferia o corte curto.

O aluno-barbeiro acabou com os “cabeludos”.

Quando não havia mais alunos para atender, a barbearia do Acampamento cortava o cabelo da meninada da vizinhança, mesmo sem pertencer à campanha, gratuitamente.

Aonde não há mocidade não existe futuro. Pé no Chão era o futuro da juventude pobre de Natal.

Os Cursos de Artesanato mobilizaram centenas de jovens. Quanta vocação perdida no anonimato, pela falta de uma oportunidade...

Modeladores com profunda sensibilidade, impressionaram no Curso de Cerâmica. Um forno improvisado para cozinhar o barro, um professor, que as vezes era um mestre da escola popular que imortalizou Vitalino, eram o suficiente para que os alunos que tivessem vocação, se iniciassem na escultura.

Falar nas rendeiras, é lembrar, com amargura, uma arte que está pouco a pouco desaparecendo e que a Campanha procurou restaurar em toda a sua magnitude.

O artesanato, aproveitando a palha de coqueiro, as fibras mais variadas, os cactos, frutas e raízes, chifre e osso, retalhos de fazendas, objetos imprestáveis habilmente transformados em adorno, uma variedade enorme de brinquedos era um mundo novo que se descortinava para uma geração inquieta.

O artesanato tomou grande vulto, caminhando para tornar auto-suficiente este setor da Campanha de Pé no Chão.

Elevada era a quantidade de artigos confeccionados, tornando-se necessário fazer exposições e feiras para vendê-los.

E o povo não faltou com o seu apoio.

As vendas eram compensadoras e já se planificava a organização de

uma Cooperativa para aglutinar os concluintes dos cursos que desejavam se profissionalizar e procuravam mercado para o fruto do seu trabalho.

d.) - MARCENEIROS-MIRINS

A falta de mão-de-obra especializada é uma das características das regiões subdesenvolvidas. A especialização é uma decorrência da industrialização.

Continuamos a ser, infelizmente, um “país essencialmente agrícola”.

O surto desenvolvimentista verificado anos atrás, deparou-se com a realidade da falta não somente de técnicos de alto nível, mas, também, do simples operário especializado.

Citemos um exemplo: envernizador. Saber envernizar é um “segredo”, uma técnica.

Em Natal existia uma enorme falta de envernizadores para as pequenas fábricas de móveis.

Quando a campanha de Pé no Chão também se Aprende uma **PROFISSÃO**, diplomou a sua primeira turma de Aprendizes de Envernização, todos estavam antecipadamente colocados.

Eram os “marceneiros-mirins”. A marcha para uma sociedade em que prevalece a tecnologia.

Uns se especializavam em fazer bancos, cadeiras, tamboretas, que eram vendidos nas feiras e mercados. Outros fabricavam objetos mais delicados.

Um serrote, uma plaina manual, um martelo e um punhado de pregos, constituíam a ferramenta elementar para um jovem se encaminhar numa profissão.

O salto adiante para adquirir uma especialização.

O homem de amanhã não pode ser um simples carregador de fardos, ajudante de pedreiro, lavador de pratos, varredor de rua. Necessita de uma profissão, a fim de deixar de perceber salários inconcebíveis, pagos pelo submundo econômico.

e.) - O APOSENTADO VIROU SAPATEIRO

Ínfima, miserável, é a aposentadoria que a imensa maioria dos servidores públicos, estaduais e municipais, percebem depois de 30 e 40 anos de serviço.

Não é salário. É uma autêntica esmola.

O drama do servidor público aposentado, agrava-se ainda mais com a inflação galopante, a alta vertiginosa do custo de vida, dos aluguéis, dos gêneros de primeira necessidade.

A campanha de Aprenda uma Profissão, sensibilizou centenas de aposentados.

Após alguns meses de freqüentar os cursos, estavam aptos a desenvolver a atividade para complementar o orçamento doméstico.

É muito comum, no Brasil, as pessoas que necessitam ganhar mais alguns cruzeiros, transformarem-se em “bicheiros”. Bicheiro é o que vende – “passa” jogo do bicho, que deixou de ser um cancro, um simples caso de polícia, para se transformar em um imenso “problema social”.

Muitas destas pessoas matricularam-se na Campanha de Pé no Chão Também se Aprende uma Profissão.

Os mais idosos tinham preferência pela profissão de Sapateiro. É mais fácil começar a trabalhar, botando “meia sola” nos sapatos dos vizinhos.

Um “pé-de-ferro”, um martelo, uma faquinha bem amolada, alguns

apetrechos e está montada a ‘tenda’ do novo sapateiro.

Era com emoção que encontrávamos salas de visitas de casinhas suburbanas, transformadas em local de trabalho. Ou então, no quintal, na sombra de uma árvore. O modesto amanuense aposentado, estava, como se diz na gíria popular, “lambendo sola”.

Ganhava algum dinheiro para comprar um quilo de carne ou um litro de feijão, porque a carne pelo seu alto custo, é artigo proibitivo na mesa do pobre.

f.) - MOÇAS COSTUREIRAS E TELEGRAFISTAS

Não eram somente meninos, rapazes e homens que procuram adquirir uma **profissão**, através da Campanha de Pé no Chão, que na sua primeira fase dedicou-se a ensinar as técnicas de ler, escrever e contar e na segunda etapa ministrar os rudimentos da especialização profissional, através de quase 30 (trinta) categorias diversificadas.

A mulher, na luta pela sua reabilitação social, pela igualdade de direitos com o homem, também incorporou-se ao nosso movimento.

Primeiro foram os cursos de Corte e Costura. As matrículas abriam-se e encerravam-se, superlotadas, no mesmo dia. Fazíamos um esforço econômico e comprávamos mais algumas “máquinas de costura” e novos cursos se iniciavam, funcionando em três (3) turnos, pela manhã, à tarde e à noite.

Aprender a costurar é fundamental para a mulher. Não somente serve como uma profissão, para trabalhar como costureira e ganhar dinheiro, mas, principalmente para costurar a roupa da família, economizando o que seria pago para fazer os vestidos das filhas, a camisa do marido, a sua própria saia e blusa.

Depois vieram os cursos de bordado à mão, e a máquina. E também

os chamados cursos de artes domésticas.

Mas o destino da mulher, na concepção moderna do mundo, não é somente trabalhar com linha e agulha.

E as moças e senhoras, principalmente as moças, almejavam adquirir uma profissão definida. Muitas matricularam-se nos cursos de datilografia e taquigrafia. O caminho mais curto para chegar a um escritório. Diversas aprenderam a arte da encadernação.

Haviam, entretanto, outras que preferiam uma especialização diferente. Por exemplo: telegrafia.

Tivemos, assim inúmeras moças que aprenderam a operar com o aparelho de morse.

É o Brasil do futuro em marcha. A explosão demográfica, leva o nosso país a um crescimento acelerado, uma pátria de jovens. Estatísticas oficiais, revelam que metade de nossa população tem menos de 20 (vinte) anos. Outros 15 (quinze) milhões estão na faixa dos 20-30 anos.

É impossível deter estas moças costureiras, bordadeiras, datilógrafas, estenógrafas, encadernadoras e telegrafistas!

6. - SEXTA FASE: CARTILHA PARA ADULTOS

A Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, organizou o horário no turno dos Acampamentos Escolares para alfabetização de adolescentes que estavam ocupados durante o dia e, principalmente, para adultos.

As matrículas atingiram cerca de 5.000 (cinco mil) adultos. A grande maioria era constituída de pais das crianças que estudavam nos nosso acampamentos nos horários matutinos e vespertino.

Ao lado da alfabetização simplesmente, isto é, o ensino das técnicas

de ler, escrever e contar, havia uma preocupação pela conscientização e politização dos adultos.

Considerando a grande lacuna que os nossos livros didáticos de alfabetização de adultos apresentam neste aspecto, a campanha elaborou um “Livro de Leitura para Adultos”.

Não era possível continuar aquele ultrapassado sistema com frases como “**eva viu a uva**”, sem nenhuma motivação para os adultos.

A Cartilha de Pé no Chão adotou o sistema de alfabetização através dos chamados “centros de interesse”, representados por “palavras chaves” que englobam no seu conteúdo, assuntos, fatos e acontecimentos da vida do adulto, permitindo assim elaborar Planos de Aula que levavam os adultos, ao lado da alfabetização, a tomar conhecimento da Realidade Brasileira.

Posteriormente a Igreja Católica, através da Conferência dos Bispos do Nordeste, tomou o mesmo caminho, editando a sua própria Cartilha, que, como o “Livro de Pé no Chão”, foi apreendido pelo revoltoso de 1º de abril.

Um Grupo de Trabalho supervisionado pela professora Diva Salette de Lucena, Assessora Cultural da Campanha, lúcida e brilhante inteligência, com a valiosa colaboração das educadoras pernambucanas do Movimento de Cultura Popular do Recife, Josina Lopes e Norma Coelho, ficou com a responsabilidade de elaborar a Cartilha.

a.) - DEFINIÇÃO DA CARTILHA

Um livro de alfabetização, quer para **crianças** quer para **adultos**, terá que considerar a maturidade psicológica do educando, dirigido no sentido de atender ao conteúdo da sua vivência, do seu meio ambiente, das coisas que lhe são mais familiares e comuns.

O conteúdo de uma cartilha de alfabetização para **crianças**, será tanto mais eficiente e produtivo na medida em que satisfizer a sua condição de criança. Daí, se usar o conto, as histórias pitorescas fantasiadas, os brinquedos e as coisas que a interessa.

Tal conteúdo, e, isto seria desnecessário afirmar, não poderá ser eficiente para o **adulto**, uma vez que a sua vivência, a sua realidade, são bem diferentes da realidade da criança.

A **realidade do adulto** é a sua luta pela sobrevivência, é a sua necessidade de afirmar-se como homem, é a sua responsabilidade perante si mesmo, sua família e sua comunidade, é a defesa da sua dignidade, é, enfim, a conquista da sua felicidade.

Torna-se evidente, conseqüentemente, que tal deve ser o conteúdo de uma Cartilha de Alfabetização para Adultos.

Dessas razões, surgiu a idéia da elaboração de “Um Livro para Adultos, da Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler.”

Considerando o objetivo prático a atingir numa comunidade, através da educação, principalmente, quando ela é realizada dentro de uma circunstância de urgência, como no Brasil, onde o analfabetismo atinge as proporções mais surpreendentes, esta educação, mesmo assim, terá que, intrinsecamente, conter os argumentos e as teses de uma “Educação para a Democracia”.

O regime democrático não pode ser visto apenas do potro de vista das “Instituições Democráticas” que regem uma nação, mas principalmente e, necessariamente, do ponto de vista dos homens, desde que são eles que criam, dirigem e atuam nas Instituições.

O “espírito democrático” a “vivência democrática” de uma Comunidade, jamais poderão estar dissociados das Instituições, uma não poderá sobreviver sem a outra. Em termos mais simples: democracia como

regime político e democracia como vivência política, podem ser considerados isoladamente, mas, se constatados dissociados, há muito a desejar no seu funcionamento.

Como regime político, a democracia significa: fraternidade, direito de todos, justiça social, oportunidade para todos, processo do primado do homem.

Como vivência política, a democracia será a concretização de todos esses princípios.

O despertar no homem do espírito democrático, integrá-lo na vivência das instituições, será tarefa da educação.

Portanto, a educação do homem para realizá-lo individualmente integrá-lo numa comunidade sócio-política, não poderá ser feita sem uma orientação nesse sentido.

Esta filosofia democrática da educação estará contida em todo o processo da aprendizagem, desde o ato da alfabetização, isto é, do conhecimento simbólico e objetivo das palavras, até a sua interpretação e significação mais profunda.

Quando o homem aprende a ler e escrever a palavra “trabalho”, mais do que significar uma ocupação, um serviço que ele executa para ganhar a vida, esta palavra contém ainda o sentido sócio-político mais profundo de que o trabalho de cada um engrandece um povo e constrói uma nação.

Traz a mensagem da “solidariedade humana” contida no art. 166, da Constituição brasileira, que diz: “a educação é o direito de todos... deve inspirar-se nos princípios de liberdade, nos ideais de solidariedade humana.

Foi baseada ainda nesses princípios de “democracia vivida” que o povo brasileiro tanto anseia e que tão bem está definida e garantida na nossa Constituição, que a Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler adotou um Livro para Adultos que não apenas alfabetizasse mas que

procurasse educar para a Democracia.

Tudo isto tem sido negado ao povo brasileiro, inclusive o conhecimento claro dos seus próprios direitos, levando-nos a uma omissão em construir a democracia.

O mais grave a considerar é que as forças democráticas deste país que procuraram dar sua contribuição no trabalho autêntico da “democracia popular” foram confundidas e mal interpretadas.

b.) - ANÁLISE DA CARTILHA

Considerando este aspecto, façamos uma análise da Cartilha “De Pé no Chão” constatando uma afirmação dos seus princípios democráticos.

Em sua primeira lição – “o voto é do povo”- nada mais é do que uma transcrição do art. 1º da Constituição Brasileira, quando diz “todo o poder emana do povo e em seu nome será exercido”.

O tema daria lugar a uma ampla explanação, tendo em vista o conhecimento de todos das proporções da corrupção do eleitorado e do voto no Brasil.

Considerando o voto como a grande expressão democrática, o poder de decisão do povo, nada mais importante do que levar o homem a sentir e compreender a sua responsabilidade, na Vida da Nação.

Outras lições que contém afirmações democráticas:

“a boa lei é pelo bem do povo”;

“um bom prefeito luta pela causa do povo”;

“a prefeitura leva o povo a tomar parte na luta para educar: procure também colaborar”;

“o voto do povo deve servir para mudar sua sorte”;

“um bom governo pode levar o povo a se unir em torno de uma

atividade benéfica à comunidade”;

“com o voto o povo decide a vida da sociedade”;

“em um plebiscito o povo dá a sua decisão”;

“numa eleição o povo pode optar, designando seus representantes”

“bons governantes dão ao povo meios para obter uma vida digna”;

“o homem seguro é um homem tranqüilo”;

“o verdadeiro líder defende os direitos do povo”;

“ele guia o povo em suas dificuldades”;

“na união fraternal de todos os brasileiros que amam a sua pátria, está a esperança de melhores dias para o Brasil”;

“só existe verdadeira fraternidade, quando cada homem se interessa pelo bem estar do próximo”;

“o governo do município congrega homens de todas as raças, de todas as opiniões, de todas as religiões, para um fim comum: a elevação do nível cultural do povo”;

“o operário brasileiro tem capacidade para alcançar um alto nível em sua profissão”;

“o lavrador está fugindo do campo? Muitos não fogem mais. Agem pacificamente, com esperança na justiça para a sua causa”;

“o prestígio de um prefeito junto ao povo é uma prova de seu esforço em benefício do seu município”;

“para haver progresso social é preciso dar as mesmas oportunidades a todos os grupos, sem distinção de raça, situação social ou religião”;

“somente um congresso nacionalista, isto é, câmara e senado com homens interessados no bem estar do povo, poderá votar reformas básicas, garantindo o progresso da nação”;

“devemos ter em nosso pensamento as coisas que são indispensáveis ao homem: o pão, a saúde e a educação”;

“o Brasil necessita do trabalho de todos”;

“o Brasil só progredirá pelo trabalho consciente do seu povo”;

“o povo escolhe os seus representantes na câmara e no senado”;

“para haver tranqüilidade no país, é necessário que haja clima de compreensão entre os homens de todas as classes, com o objetivo comum de resolver os males da nação”;

“a Declaração Universal dos Direitos dos Homem, da ONU reivindica para todos os povos, condições dignas de vida”

”que é democracia?”;

“democracia é o governo do povo, para o povo e pelo povo”;

“em uma verdadeira democracia o povo tem paz, tudo o que é indispensável a uma vida digna e meios para ampliar sua cultura”;

“os representantes do povo, são escolhidos diretamente pelo voto dos eleitores, homens e mulheres maiores de 18 anos”;

“o futuro das nossas crianças depende de como soubermos defender hoje as riquezas de nossa pátria”;

“apesar das crises o Brasil cresce”;

“a voz do povo traz muita luz sobre os problemas do Nordeste”;

“problemas que podem ser resolvidos com trabalho, honestidade e justiça”;

“a justiça é harmonia, equilíbrio e igualdade nas relações entre os homens”;

“Cristo morreu na cruz pregando a justiça sobre a terra. É indispensável haver paz entre os homens para que haja progresso no mundo”;

“a paz nasce da justiça”;

Esta é lição final da Cartilha, que através da mensagem de paz, de trabalho e de honestidade e não de revolta e de ódio, procura levar ao

homem alfabetizado a consciência crítica da sua responsabilidade na vivência da democracia brasileira.

c.) - O ASPECTO SOCIAL DA CARTILHA

Todas as reivindicações sociais da cartilha de Pé no Chão se enquadram no princípio democrático do ‘direito de todos’ expresso no art. 141 da Constituição de 1946. “A Constituição assegura aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade dos direitos concernentes à vida, à liberdade, à segurança individual e à propriedade”. Ainda apoiadas nos seguintes artigos: 145, 146, 147, 148 e 157.

A lição “Vida, Saúde, Pão. – O pão dá vida e saúde ao povo” – refere-se à necessidade primária do homem – a sobrevivência. A luta pelo pão de cada dia é a maior preocupação e que está registrada e defendida pela Constituição – art. 145: ‘A ordem econômica deve ser organizada conforme os princípios da justiça social, conciliando a liberdade de iniciativa com a valorização do trabalho humano.

Parágrafo único – a todos é assegurado trabalho que possibilite existência digna. O trabalho é obrigação social”.

Outras lições da Cartilha têm igual respaldo constitucional:

“O povo do casebre é pobre”;

“o brado veio do povo do casebre”;

“com o desemprego o povo vive sem pão”;

“o operário luta pelo pão de sua família”;

“o povo do campo pede um arado”;

“um bom salário é a defesa da família do operário”;

“o homem desempregado não tem casa”;

“a falta de estradas é uma das causas do pouco desenvolvimento do

Nordeste”;

“o Nordeste precisa lutar para desenvolver a sua indústria”;

“o sertanejo pede a ação do governo. Ele tem direito a uma solução”;

“só onde há justiça pode haver segurança para todos”;

“o trabalhador sindicalizado é um homem forte”;

“o flagelado é o camponês desempregado. Com soluções justas para o campo não haverá mais flagelados”;

“o operário, depois de muitos anos de canseiras, precisa de uma pensão para viver”;

“para o progresso de nossa pátria é necessário defender a indústria nacional” (baseado no art. 164 da Constituição).

“para haver tranqüilidade no país, é necessário que haja um clima de compreensão entre os homens de todas as classes, com o objetivo comum de resolver os males da nação”;

d.) - PARA ESTUDAR NUNCA É TARDE

Uma outra pesquisa foi realizada dentre mais de 5.000 (cinco mil) adultos que haviam se matriculado nos Cursos Noturnos, levando-se em conta a preocupação para o estado de uma idade em que a força de assimilação começa a diminuir e que o adulto tem de renunciar a uma boa parte das satisfações cotidianas, substituindo o seu tempo livre com os deveres escolares.

A grande maioria, conforme pode-se verificar nas pesquisas anteriores, era constituída de pai e mãe dos alunos matriculados nas “escolinhas” e nos “Acampamentos da Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler”.

Desejava-se saber os fundamentos que motivaram o adulto a freqüentar um Curso Noturno, obtendo-se estes resultados:

- 1° Melhorar o salário. Aprender a ler para adquirir uma profissão especializada;
- 2° Não querer sentir-se envergonhado de ser analfabeto;
- 3° Aconselhado por amigos e parentes;
- 4° Desejar obter um diploma;
- 5° Influenciado pela propaganda da Campanha de Pé no Chão.

7. - SÉTIMA FASE: PÉ NO CHÃO AMPLIA SUAS FRONTEIRAS - INTERIORIZAÇÃO DA CAMPANHA

Com a notícia da campanha extrapolando os limites da capital, várias prefeituras do Rio Grande do Norte solicitaram **Bolsa de Estudos** para professores primários municipais, no Centro de Formação de Professores, assim como a devida assistência pedagógica.

Logo em seguida veio a fase de assinatura de convênios com as entidades interioranas, para a concessão de bolsas de estudo e conseqüente assistência pedagógica sistemática.

Periodicamente, (de 15 em 15 dias) um grupo de Orientadoras Pedagógicas, revezando-se, ia até cada cidade conveniada onde supervisionava as classes, reunindo-se com professores e apresentando sugestões para um programa quinzenal.

A prefeitura adquiriu uma caminhonete rural, um mimeógrafo pequeno e uma máquina de escrever portátil. O Centro de Formação de Professores selecionou oito professoras, formando duas equipes, que acrescidas de um motorista, um elemento para relações públicas e um secretário, constituindo um grupo de trabalho que ficou sob a direção do

universitário Josemá Azevedo, que mesmo sendo engenheiro, era uma notável vocação educacional.

As equipes se revezavam nas viagens para o interior do Estado.

Chegando aos municípios, com a experiência adquirida em Natal, preparavam os planos de aulas, com incrível rapidez, sem burocracia, com eficiência e, o mais importante, com um rendimento prático que impressionava.

Verificou-se, então, um fato altamente compensador para os que faziam a Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler: uma onda de solicitações começou a chegar à Prefeitura de Natal.

Isto representava um êxito, um triunfo, mas, por outro lado despertava o ciúme de outras esferas às quais cabiam realizar estas tarefas.

A nossa missão, pelo direito, devia limitar-se ao município de Natal. Entretanto estávamos além fronteiras... pois a luta contra o analfabetismo não deve ter fronteiras.

a.) - REUNIÃO COM 40 PREFEITOS

Na véspera de nossa deposição do cargo e, conseqüente prisão, motivada pelo Golpe de Abril, reunimos no Salão Nobre da Prefeitura de Natal, nada menos do que 40 (quarenta) prefeitos das mais variadas regiões do Rio Grande do Norte.

Vieram assinar convênio com a Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler para assistência as suas comunas na luta contra o analfabetismo. Pertenciam às mais variadas correntes políticas. A nossa campanha não se preocupava com as siglas partidárias. Tinha um objetivo a atingir e um único inimigo, que é o inimigo comum do povo brasileiro: o analfabetismo.

A Campanha estava tomando um vulto imprevisível.

O Grupo de Trabalho para a interiorização já havia sido consideravelmente aumentado.

Estudava-se a instalação em Mossoró e Currais Novos, em convênios com as respectivas Prefeituras, de Centros de Orientação Pedagógica, para atendimento dos municípios da zona Oeste do Estado e da região do Seridó, distantes das áreas circunvizinhas a Natal.

Deixamos em cofre o dinheiro e autorizadas a compra de mais três caminhonetes, mimeógrafos, máquinas de escrever e de todo o material necessário para o desdobramento da Campanha de Interiorização de Pé no Chão.

b.) - INTERESSE EM OUTROS ESTADOS

Fizeram estágio no Centro de Formação de Professores, elementos vindos de vários Estados, dentre os quais podemos enumerar o Ceará, Maranhão, Paraíba.

Órgãos educacionais do Amazonas, Acre, Piauí etc., mandaram observadores sociais.

De todas as regiões do Brasil chegavam pedidos de informação.

Pé no Chão, pelo idealismo e seriedade com que se apresentava, havia obtido a confiança nacional.

A bola de neve começava a rolar...

c.) - CONVÊNIO COM A UNIVERSIDADE

A Prefeitura de Natal visando a ampliação de alfabetização, educação e promoção do povo nas comunidades mais desamparadas de seu

município, por intermédio da Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, solicitou a colaboração da Universidade do Rio Grande do Norte, em programas assistências e educativos da referida Campanha.

O reitor Onofre Lopes, compreendendo as altas finalidades do empreendimento, autorizou vários convênios entre as faculdades integrantes da Universidade e a Prefeitura.

Dentre as pretensões municipais e das possibilidades da Universidade foram realizados os seguintes serviços:

➤ **Faculdade de Farmácia**

Exames parasitológicos de fezes para tratamento de verminose, realizados com entusiasmo por uma equipe dirigida pessoalmente pelo diretor da Faculdade, professor Genaro Fonseca.

➤ **Faculdade de Odontologia**

Levantamento dentário dos alunos e tratamento preventivo de aplicação de flúor, uma vitoriosa e pioneira experiência dirigida pelo professor Aldo Tinoco.

➤ **Faculdade de Medicina**

Participação de professores e alunos através de palestras em programas educativos promovidos pela Campanha. Participação por intermédio do Dr. Leide Moraes, Diretor da Maternidade Modelo, de alunos e o pessoal especializado, no plano que a Prefeitura estava iniciando de construção na periferia d cidade de 04 (quatro) Maternidades Populares.

As demais unidades da Universidade sempre mantiveram contato com a Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler.

d.) - UMA ESCOLA EM CADA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

Já se encontrava pronta a minuta para ser firmada com a rede ferroviária do Nordeste, delegacia do Rio Grande do Norte (Estrada de ferro Sampaio Corrêa) de um convênio para instalação de uma Escola de Pé no Chão em todas as estações da referida ferrovia.

Estudos preliminares haviam sido autorizados pelo Engenheiro Heber Maranhão, Diretor da Estrada, estudos estes já concluídos.

e.) - COM OS SINDICATOS

A Diretoria da Federação dos Trabalhadores na Indústria havia aprovado o Convênio com a Prefeitura de Natal para que a Campanha de Pé no Chão supervisionasse as escolas dos sindicatos, na capital e no interior.

Em Macau, grande centro salineiro, esta supervisão já estava sendo feita há vários meses.

Outro convênio estava sendo elaborado para ser firmado com os sindicatos rurais, filiados à recém fundada Federação dos Trabalhadores Autônomos, dependendo, unicamente do recebimento pela mesma da carta sindical.

Sensível, verdadeiramente humano, é o filme sobre a Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler.

Está definitivamente incorporado, na categoria de documentário, ao cinema novo brasileiro, como filme de vanguarda.

Uma promessa do professor Darcy Ribeiro, que ligou, assim, seu nome à Campanha, quando ainda Reitor da Universidade de Brasília.

Visitando Natal entusiasmou-se com Pé no Chão. A promessa tornou-se realidade quando Darcy Ribeiro assumiu o Ministério da Educação e Cultura.

A equipe encarregada da filmagem, pretendia fazer um documentário do problema educacional brasileiro, resolveu, entretanto, sintetizar sua proposta na experiência de Natal, ao tomar conhecimento da amplitude do nosso movimento.

O documentário, depois de apresentar em dez minutos as principais fases da campanha, termina indagando: - “ E você o que está fazendo em sua cidade para ajudar a enfrentar a praga do analfabetismo?”

O filme foi projetado em todo o Brasil por intermédio de uma empresa distribuidora de películas, para um circuito compreendendo elevado número de cinemas.

A UNE Volante também incluiu o Filme de Pé no Chão em uma das suas excursões pelo Norte e Sul do país.

f.) - HINO E BANDEIRA

A mística da Campanha existia.

Aqueles que se incorporavam à luta contra o analfabetismo, passavam a viver o espírito de “Pé no Chão”.

A música sempre foi instrumento de motivação para todos os empreendimentos coletivos, na Igreja, na política, na guerra, nos esportes, em todos os setores de atividade humana, o cântico é peça fundamental. O canto é antes de tudo, fator de unidade, de entusiasmo de arregimentação.

A Campanha tinha o seu hino, cantado não somente pelas crianças, mas, também, por grandes parcelas da população natalense, nas programações populares promovidas pela Prefeitura.

O Hino é de autoria do compositor Dôsinho e tem a seguinte letra:

Povo pobre, Natalense!

Chegou a vez para quem quer aprender.

Como sofre o ser humano,

Quando o seu nome não sabe escrever.

A Prefeitura abre a campanha,

Para ajuda de ensino e do saber.

Pela meta do Prefeito Maranhão,

De Pé no Chão Também se Aprende a Ler.

A BANDEIRA era outro fator de orgulho da campanha. Dois pés impressos a preto, com a legenda azul: “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler”.

Projeto e desenho do pintor Newton Navarro.

Todos os dias, nos acampamentos, havia a solenidade do hasteamento da bandeira.

Nas grandes solenidades, a Bandeira de Pé no Chão, tremulava, altaneira, ao lado do pavilhão Nacional.

8. - OITAVA FASE: A ESCOLA BRASILEIRA COM DINHEIRO BRASILEIRO

Um amigo sempre me afirmava que não era nacionalista, porque ser patriota em um país subdesenvolvido é a mesma coisa que possuir vocação suicida...

Foi o nosso orgulho brasileiro, que nos levou a desafiar a Aliança para o Progresso e lançar “A ESCOLA BRASILEIRA COM DINHEIRO

BRASILEIRO”.

Na fidelidade da tese de que o futuro da juventude brasileira é inalienável, não podendo ser negociado no balcão internacional das negociatas imperialistas, não nos cansávamos de repetir: “Nenhum povo é dono do seu destino se antes não é dono de sua cultura”.

Uma campanha de alfabetização, realizada em uma nação subdesenvolvida, para obter êxito, forçosamente, tem de levar uma mensagem de Libertação Nacional.

A falta de recursos econômicos conduz o administrador para duas alternativas: uma é estender a mão para o estrangeiro, mendigando auxílio do dinheiro da Aliança para o Progresso e desta maneira comprometer o futuro do seu povo naquilo que ele tem de mais sagrado, que é a educação da sua juventude. É a vergonhosa ingerência externa na formação, ou melhor, deformação dos caracteres nacionais, na pureza de suas fontes, que é a infância.

A outra alternativa é apelar para o patriotismo do povo. Não do patriotismo “porque me ufano do meu Brasil, das suas florestas verdejantes, dos seus rios caudalosos e do céu cor de anil, dormindo eternamente em berço esplêndido”.

Não. O caminho é apelar para as forças vivas da nacionalidade. Reservas inesgotáveis de desejo de fazer do Brasil uma das maiores potências do mundo, no mesmo nível dos Estados Unidos, da União Soviética, da França, da Alemanha.

É um ímã capaz de magnetizar ponderáveis setores da opinião pública.

Toynbee, o grande historiador inglês, está perfeitamente atualizado quando afirma que o nacionalismo é a maior força influente no mundo atual.

Foi para esta alternativa que “Pé no Chão” encaminhou o seu trabalho.

a.) -UMA ESCOLA POR SEMANA

Toda quarta-feira era dia de inauguração de uma Escola Brasileira, construída com dinheiro brasileiro. Era a continuidade do programa de democratização do ensino.

A ampliação da rede escolar municipal, com a construção em estrutura metálica, pré-fabricada, era feita em convênio com o Ministério da Educação, na gestão do Ministro Paulo de Tarso.

b.) – A PROVA MATERIAL DO CRIME

No dia em que fomos retirados do presídio em que nos encontrávamos em Natal para sermos identificados na Secretaria de Segurança, ao passar por um dos prédios construídos pela Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, reafirmamos para um dos encarregados do IPMs, capitão José Domingos, aquilo que outros companheiros da Campanha já haviam dito:

- “Está aí a prova material do nosso crime”.

E ele ficou sensivelmente embaraçado.

c.) - ENSINO PRIMÁRIO OBRIGATÓRIO E GRATUITO

Tínhamos partido para a reta final.

Estávamos certos de que a estrutura da campanha de Pé no Chão tinha condições para enfrentar a batalha decisiva.

Decretamos, então, o ensino primário obrigatório e gratuito na Capital do Estado do Rio Grande do Norte.

Era o ano decisivo no campo da educação. Estávamos construindo uma sala por semana. A rede escolar marchava para atingir todas os recantos. Não haveria bairro, nem rua, sem a sua sala de aula.

A experiência de educação de massas, estava se transformando em realidade, até que o golpe militar considerou-a subversiva. Estranha subversão que arrancava dos olhos do povo a mancha negra do analfabetismo.

IV – CULTURA POPULAR: TENTATIVA DE CONCEITUAÇÃO

O significado do termo Cultura Popular assume para nós forma definida de compreensão mais profunda da situação de dominação externa a que está submetido o Brasil, desde o seu descobrimento, até os dias atuais. Dominação que tem sofrido historicamente, mudanças que ora acentuam ou atenuam o seu caráter, mas que fundamentalmente persiste, envolvendo todo o complexo político econômico e cultural brasileiro.

Portanto, procuraremos caracterizar de forma sumária a trajetória da dominação a que está submetido o Brasil, suas implicações e manifestações no plano cultural, com prevalência de padrões culturais alienígenas e finalmente a consciência dessa dominação por parte do povo brasileiro o que se traduz na eclosão dos movimentos de cultura popular.

1. - TRAJETÓRIA DA DOMINAÇÃO: DO BRASIL COLÔNIA AO BRASIL INDEPENDENTE

A descoberta do Brasil pelos portugueses teve um caráter muito mais geográfico do que histórico. Isso porque o tipo de civilização encontrada pelos portugueses, em virtude do seu estágio cultural primitivo, foi facilmente sufocada pela cultura européia trazida pelos nossos descobridores. Desta forma, estabeleceu-se a primeira relação de denominação cultural. O nativo brasileiro não era um valor que se afirmasse, do ponto de vista histórico-cultural, mas, apenas um dado que se sobrepunha a natureza, com ele se confundindo e identificando-se. Passa, então, o Brasil a viver como um apêndice da Europa, dela dependendo econômica e politicamente e de lá importando os seus valores culturais. O

Brasil colônia aliena-se a sua metrópole, perde a sua interioridade e sua essência mesma que está ocupada pelo exterior. A situação colonial é profundamente marcada pela alienação: dependência política e econômica, descaracterização cultural.

A colônia tomada em relação a metrópole, é geografia; não é sujeito porém objeto; não é forma e sim matéria.

A partir da situação colonial que influenciou profundamente nosso processo histórico-cultural e, com o encontro verificado entre as culturas nativa, africana e européia, com predominância desta última, plasmou-se a cultura brasileira. Passando daí por diante a sofrer uma série de influências externas, fruto das dominações exercidas no plano econômico.

Desta forma sucederam-se toda a gama de influências alheias, instalando-se um verdadeiro processo de alienação cultural que a condição de “independência” trazida com o gesto de Dom Pedro I, não foi suficiente para detê-lo. Ao contrário, em alguns aspectos, a situação de dependência externa se acentuou assumindo formas diferentes, sutis, mas que penetram na alma e no entendimento do povo, tirando-lhe toda a sua essência, ocupando o seu interior.

2. - CULTURA BRASILEIRA E PADRÕES CULTURAIS ALIENÍGENAS

A persistência da **situação colonial** não poderia, nos dias atuais ter as mesmas características de antes da nossa independência. Tal situação evolui dialeticamente, com a história assinalando conquistas gradativas do povo dominado, principalmente dentro do plano econômico (controle da exploração de riquezas naturais, controle da remessa de lucros etc.) isto por outro lado contrabalanceado pelas diferentes formas que vai assumindo

a dominação externa e começa a falar em termos de “alianças”, “cooperação”, “ajudas”, atenuando a relação do domínio em alguns setores, mas a todo custo procurando mantê-la. Ora, tal situação irá fatalmente refletir-se no plano cultural.

Começa, então, o povo brasileiro a consumir um tipo de cultura que não é elaborada aqui e que tem a função precípua de manter o nosso povo preso a um esquema de pensamento e atitudes que devem traduzir-se na aceitação passiva da situação de dominação externa, e mais ainda no respeito e admiração ao povo dominador.

Isto é facilmente perceptível em todos os planos. Os meios de informação – divulgação de notícias e de idéias – as formas de entretenimento e diversão de aparência inofensiva e até mesmo ingênua se articulam formando a terrível máquina que distorce os fatos e submete o comportamento de grande parcela do povo brasileiro. Passa-se por conseguinte a vivência de padrões culturais alienígenas, com a infância e a juventude brasileiras “trabalhadas” para cultivar heróis que não os nossos, conhecendo muito mais, senão somente, a História de um povo estranho e não a História, preparada para admirar e servir ao povo dominador que aparece aos seus olhos como os “supremos defensores dos princípios da democracia e da liberdade do mundo Ocidental e Cristão”...

No plano político esta compreensão se revela pelo temor, habilmente induzido na consciência do povo, a “ameaça de infiltração de ideologias exóticas”, ameaça da qual precisamos nos proteger através da concessão de favores, no plano econômico aos “defensores da Democracia” que devem levar nossa riquezas a fim de garantir a nossa segurança e tranquilidade em relação ao tão terrível mal...

Tais manifestações comportariam uma ampla análise que caberia e são referidas apenas a título de exemplo de como funciona o processo de

submissão cultural do povo brasileiro. Tal processo, utiliza vários meios, principalmente a propaganda que desempenha a espetacular tarefa de padronizar as atitudes e produzir hábitos novos, reflexos condicionais e conceitos estranhos na mentalidade do povo, submetido com isso a um processo de estúpida massificação. Tão eficiente e sutil é o seu funcionamento, cuidadosamente planejado e dirigido segundo técnicas e leis de psicologia que vão gradativamente impingindo ao povo slogans políticos, idéias, gestos artísticos, hábitos e atitudes, tudo em função de conformismo e da aceitação, da subserviência, enfim.

2. - EMERGÊNCIA DA CULTURA POPULAR

A conscientização da situação de dependência por parte do povo brasileiro trouxe novas perspectivas no sentido de deter a trajetória da dominação.

Esta conscientização assume formas mais agudas na medida em que outros povos da América Latina lutam igualmente contra a agressão a que estão submetidos, evidenciando-se a existência de um movimento libertário.

A nossa luta interna de libertação liga-se profundamente à cultura popular, que assume no primeiro momento o sentido de desalienação de nossa cultura, sobrepondo aos valores culturais estranhos os nossos valores, os criados e elaborados aqui. Essa a tarefa fundamental da cultura popular, sobrepor a nossa cultura às culturas estrangeiras, sem perder de vista, evidentemente, o sentido universal, permitindo o processo de aculturação, mas que haja predomínio da cultura brasileira.

Num segundo momento, assume a cultura popular um caráter de luta, ao lado da formação de uma autêntica cultura nacional, promove a

integração do homem brasileiro no processo de libertação econômico-social e político-cultural do nosso povo.

Cultura popular que leve o homem a assumir o papel de sujeito da própria criação cultural, fazendo-o não apenas receptor, mas principalmente, criador de expressões culturais. A tarefa da cultura popular não é exclusivamente um meio político, um trabalho de preparação das massas para a conquista do poder. Estaríamos reduzindo o sentido de libertação humana ao plano político ou econômico, tomada revolucionária do poder não extingue a cultura popular, ao contrário, deixa aberto o caminho para uma criação cultural autêntica e livre, ou mais popular, nacional. Há, portanto, um entrelaçamento dialético entre cultura popular e libertação nacional – socialismo e luta anti-imperialista. Por conseguinte, embora pareça em princípio paradoxal, a cultura popular tem papel de instrumento de revolução econômico-social, mas em última instância a afirmação e vitória desta revolução é que irá possibilitar o surgimento de mais autênticas criações populares, livres das alienações que se processam no plano político e econômico.

Fica claro, portanto, o mais profundo sentido dialético da revolução popular que não é um fim, porém um meio de conseguir a libertação total do povo, fazendo-o construtor do seu destino e **NENHUM POVO É DONO DO SEU DESTINO SE ANTES NÃO É DONO DE SUA CULTURA**”.

(Esta foi a síntese da intervenção definindo o ponto de vista sobre cultura popular, apresentada pelo professor Geniberto Campos, refletindo o pensamento da Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, no 1º Encontro de Alfabetização e Cultura Popular, realizado no Recife, em 1963, sob os auspícios do Ministério de Educação e Cultura).

V – A PRÁTICA DA CULTURA POPULAR

1. - PRAÇAS DE CULTURA

Saindo do campo propriamente escolar, a Prefeitura em 1962, procurou alcançar as comunidades dos bairros com um programa de Democratização da Cultura, através das chamadas Praças de Cultura.

Um conjunto constituído de Parque Infantil, visando atrair a infância: um campo de esportes, - basquete, voleibol, futebol de salão – com a finalidade de congrega a juventude; um telefone público, de interesse decisivo para a comunidade; e uma biblioteca, como base fundamental, constituía a Praça de Cultura, que em última instância era a complementação das “escolinhas” e dos “acampamentos escolares, que se localizavam nas proximidades.

Em 1962 foram construídas duas (2) praças de cultura, uma nas Rocas e outra nas Quintas.

Neste mesmo ano foram construídos **DEZ** praças de esportes e **ONZE** parques infantis, em todos os bairros de Natal, primeira etapa para posteriormente serem complementados e transformados em praças de cultura.

Lutamos para que as praças não fossem somente um ornamento urbanístico, mas, também, um instrumento de cultura popular.

Em 1963 ampliou-se o plano com a instalação de uma praça de cultura modelo, no centro da cidade, no marco de fundação de Natal, na praça André de Albuquerque.

Edificou-se um conjunto arquitetônico de linhas leves e modernas, compreendendo a galeria de arte, concha acústica, biblioteca, fonte luminosa e uma pequena casa de lanche, em que o mate gelado e os

refrigerantes substituíam a bebida alcoólica.

A galeria de arte mantinha uma exposição permanente, que se revezava de quinze em quinze dias, prorrogável por mais quinze.

A concha acústica apresentava, diariamente, programas de teatro, debates sobre os mais variados temas, cinema de arte, conjuntos folclóricos e na falta de maior atração, televisão, a fim de que o público não perdesse o hábito de ir, todas as noites à praça de cultura.

Um serviço de alto-falantes, fazia a divulgação da boa música, com pequenos trechos selecionados de literatura.

No esforço de trazer bem viva a cultura popular em Natal e complementando as atividades da Campanha de Pé no Chão também se Aprende a Ler, existe na Prefeitura a Diretoria de Documentação e Cultura, na época dirigida por Mailde Pinto, assessorada por Newton Navarro, Nisia Bezerra, Paulo de Tarso, Marcelo Fernandes, Yaponi Araújo, Nei Leandro de Castro, Berilo Wanderley, Sanderson Negreiros, Ticiano Duarte, Luis Carlos Guimarães, Moacir Cirne, Miguel Cirilo, intelectuais da nova e novíssima geração.

Com os pequenos recursos de que dispõe uma prefeitura do Nordeste, o esforço tem que ser realmente grande para ajudar no processo de desalienação de uma cultura de dominação, onde a cada minuto o nosso Homem é influenciado pelo impingir de hábitos, formas de pensar etc., de um mundo que não é o seu.

Somente vivendo um processos de tentativa de revitalização de nossa cultura poderemos saber das barreiras encontradas, pois os instrumentos que a classe dominante usa de massificação de nosso povo, estão em ação constante.

2. - CONCHA ACÚSTICA

Era o poderoso pulmão por onde começava a respirar a inteligência natalense. Palco para as representações teatrais ao ar livre, o cenário para as grandes concentrações, a tribuna para o debate de temas apaixonantes.

A concha acústica, constituía com a galeria de arte, e uma biblioteca a principal praça de cultura de Natal.

Fizeram-se, ali, debates sobre cinema, teatro, literatura, música, (...) o povo assistindo os intelectuais, expor, desenvolver, explicar os seus pontos de vista. Mas, havia, também, os dias em que era o próprio povo que comandava os debates.

Debates os mais variadas foram realizados nas praças de cultura de Natal, com a efetiva participação do público presente.

Exemplifiquemos; “Porque a carta de ABC é um método superado de ensino? E em torno deste assunto enfrentava-se um amplo programa educacional com a exibição de “slides” e processos audiovisuais. Outro debate popular dos mais interessantes foi travado em torno da supressão da palmatória nas escolas.

Maneira prática de falar sobre a reforma agrária, abordando um tema ao alcance do homem comum, foi a realização de um debate sobre a enxada. Deve a enxada continuar sendo um instrumento de trabalho ou é uma peça de museu?

Assim funcionavam as praças de cultura.

Era o despertar da consciência de um povo.

3. - GALERIA DE ARTE

Construída em linhas modernas, sóbrias, elegantes, inauguramos nos dias de março de 1963, com uma mostra do pintor Francisco Brennand, a galeria de arte que cumpriu um programa de melhor nível artístico e cultural.

Seu amplo salão, aberto ao público natalense, todos os dias, oferecia promoções como mostras de arte popular, fotografia, pintura, desenho, cerâmica, etc., sob a responsabilidade de artistas que honram o Nordeste do Brasil.

Enquadra-se mais esta iniciativa cultural do antigo governo do município, no vitorioso plano de democratização da cultura, onde procurou reunir povo e intelectuais e assegurar a autenticidade de expressão dos seus artistas populares.

A cidade soube reconhecer o que representa para a comunidade uma galeria de arte e todas as suas promoções receberam a compreensão exata do valor e dos fins a que ela se destina.

A cultura já não se mostrava uma coisa difusa e de privilegiados.

PROGRAMA DA GALERIA DE ARTE

DIA	EVENTO
08.03.1963	Inauguração da galeria de exposição do pintor Francisco Brennand
20.03.1963	Meninos do Recife – Desenhos de Abelardo da Hora
09.04.1963	Exposição de pintura de Iaponi Araújo
15.04.1963	MISÈRERE – Promoção da DDC da Secretaria de Educação e Cultura do Município, durante a Semana Santa. A mostra reunia reproduções de quadros célebres, todos inspirados na Paixão de Cristo e tinha como roteiros legendas de Paul Claudel.

23.04.1963	Mostra de artistas paraibanos
29.04.1963	Exposição de arte popular, pela diretoria de Documentação e Cultura do Município, a cargo de Newton Navarro.
08.05.1963	Exposição de pintura do Padre Eládio L'Eraistre Monteiro
26.05.1963	Exposição de pintura de Tarcísio Mota
07.06.1963	Salão de jovens pintores de Instituto de Educação, organizado pelo Diretório Estudantil Prof. "Celestino Pimentel".
21.06.1963	Motivos de São João (arte popular)
06.07.1963	Exposição de fotografia das praias da cidade
29.07.1963	Desenhos e gravuras de Percy Lau
02.08.1963	Exposição de cerâmica de Lourdes Guilherme
09.08.1963	Exposição de foto-jornalismo de Última Hora (Nordeste)
15.08.1963	Exposição de trabalhos da campanha de Pé no Chão Também se Aprende uma Profissão
20.08.1963	Exposição de fotografias de Brasília
04.10.1963	Exposição da Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler
04.10.1963	Exposição de pintura de Rubens Sampaio
16.10.1963	Exposição de desenhos de Maria de Santíssimo
25.10.1963	Exposição de poesia ilustrada com a participação de (70) setenta poetas expositores

E o programa continuou no mesmo ritmo.

A galeria de arte, entretanto, não era unicamente destinada a exposições.

Transformou-se no principal centro de lançamentos de livros. As mais importantes solenidades literárias, passaram a realizar-se na galeria.

4. - MUSEU DE ARTE POPULAR

O Brasil é um país de poucos museus e de quase nenhum museu de arte popular.

Dentro do plano de democratização da cultura instalamos um dos raros e melhores museus de arte popular, dos existentes em nossa

pátria. O seu patrono é o historiador e folclorista Luís da Câmara Cascudo.

Era ponto obrigatório de visitas das pessoas que trabalhavam pela cidade.

A sua principal coleção é a do imaginário Chico Santeiro, um autodidata considerado o Aleijadinho potiguar. A sua escultura é em madeira, principalmente “umburana”. Trabalha com a ponta de um canivete. Tornou-se conhecido regional nacionalmente, com os seus crucifixos, cabeças de Cristo, figuras de Antônio Conselheiro, Padre Cícero, vaqueiros, cangaceiros, tipos históricos e populares.

Durante a nossa gestão, a Prefeitura fez a doação de uma modesta casa a Chico Santeiro, que chegando à velhice pobre, estava ameaçado de viver os últimos dias no abandono.

5. - CORAL DA CIDADE DE NATAL

Com a finalidade de enriquecer o patrimônio artístico-cultural da cidade, que já contava com a sua Universidade e era centro de um amplo movimento de cultura popular, criamos um conjunto de canto coral, pelo Decreto 531 de 12 de dezembro de 1960.

A primeira aula foi ministrada pelo maestro Waldemar de Almeida e o seu primeiro regente o maestro Garibaldi Romano, assessorado por Paulo Macedo, Siva Barbosa, João Alfredo Pegado Cortez, Djair Henrique, Cláudio Augusto Pinto Galvão.

O Coral da Cidade do Natal, além de um repertório clássico, figurando Bach em primeiro plano, tinha um conjunto de canções regionais, como o Peixe Vivo, de Minas Gerais; Prenda Minha, do Rio Grande do Sul; Cidade Maravilhosa, da Guanabara; Boto Sinhá, do Amazonas; Luar do Sertão, do Ceará; Vassourinha, de Pernambuco; coco alagoano, toadas afro-brasileiras

da Bahia, enfim, de quase todos os estados do Brasil e o hino sentimental do Rio Grande do Norte, “Praeira dos meus amores”.

6. - TEATRINHO DO POVO

Instalamos no bairro de Alecrim, o mais populoso da cidade, o Teatrinho do Povo, com lotação para 200 pessoas, em prédio próprio.

Sua inauguração verificou-se com a encenação da peça “Pedro Mico”.

O teatrinho do povo surgiu como reflexo de um movimento levado a efeito pelos grêmios teatrais de Natal, liderados por Clarice Palma, Sandoval Wanderley, Meira Pires, Sebastião Carvalho e outros, sensibilizando e interessando a administração municipal em dotar a cidade de uma casa de espetáculos destinada aos amadores, núcleos fundamentais para que no futuro possamos ter bons atores profissionais.

Os famosos coros falados (jograis) constituíram o ponto alto do movimento teatral da prefeitura, com a criação do Teatro Municipal Popular.

7. - DEFESA DA AUTENTICIDADE DO FOLCLORE

A Diretoria de Documentação e Cultura da Secretaria Municipal de Educação desenvolveu um intenso trabalho de divulgação do nosso folclore, promovendo jornadas de folclore, música tradicional e folguedos populares; promoções através da galeria de arte, do museu de arte popular, das bibliotecas populares, do teatrinho do povo, da concha acústica, das praças de cultura, etc. esta Diretoria estava documentando a história dos conjuntos, na tristeza e alegria das letras de suas canções, a música e a coreografia de suas danças, na fidelidade de um fabuloso plano, orientado

por Mailde Pinto, que à frente da DDC marcou na vida da cidade um novo estágio de desenvolvimento e progresso, em favor da valorização das manifestações culturais e populares. Procuramos, na medida das possibilidades, incentivar todas as manifestações tradicionais da vida popular de Natal, para, desta maneira, defender, com amor e respeito, as origens culturais do povo.

O programa era preservar, quando não revalidar os autos populares e folguedos tradicionais da capital do Estado.

Foram promovidas 05 (cinco) jornadas de folclore, sendo 03 (três) de âmbito nacional, preferencialmente em data correspondente ao ciclo natalino.

Elementos do mais alto prestígio na vida intelectual brasileira, estiveram em Natal, participando dos movimentos de cultura popular, dentre os quais podemos enumerar os seguintes: Gustavo Barroso, Mauro Mota, Jorge Amado, Paulo Freire, Edson Carneiro, Mário Melo, Eneida, José Condé, Umberto Peregrino, Antônio Vilela, Waldemar Cavalcanti, Enio Silveira, Luisa Barreto Leite, Miércio Tati, Mário Jorge do Couto, Hildegardes Viana, Paulo Dantas, Edgar Proença, Eduardo Portela, Pierri Furter, Carlos Pena Filho, Barbosa Lessa, Bruno Menezes, Théo Brandão, Manoelito de Orneles, Carlos Galvão Krebs, Dante de Laytano, Domingos Vieira Filho, Nunes Pereira, João Climaco Bezerra, Mozart Soriano, Ascenço Ferreira, Julia Dourado, Rômulo Argentiére, Fagundes de Menezes e tantos outros.

Todos os anos, nos períodos de Natal, Ano Novo, Reis e São João, eram armados grandes palanques no centro da cidade e nos bairros mais distantes, para exibição dos conjuntos folclóricos, a fim de garantir a perpetuação das danças e cantigas do passado.

A prefeitura, através da sua DDC, contava com a participação de vinte

e um (21) conjuntos folclóricos, assim distribuídos:

04 (quatro) conjuntos de ‘Boi Calemba’; 04 (quatro) de ‘Bambelô’; 02 (dois) de ‘Congo’; 02 (dois) de Fandangos (um) Chegança; 04 (quatro) ‘Pastoris’; 01 (uma) ‘Lapinha’ e 03 (três) conjuntos de Danças Antigas e semi-desaparecidas: Ararunas, Camaleão e Coã.

Estes conjuntos recebiam ajuda financeira da Prefeitura num esforço permanente de manter e divulgar as riquezas culturais do Rio Grande do Norte, infelizmente pouco conhecidas no resto do Brasil.

Podemos destacar, com satisfação, que apesar das dificuldades econômicas, Natal se faz representar, através do seu folclore, em quatro festivais de outros Estados.

Duas vezes na cidade do Recife, uma em Porto Alegre e outra em Brasília onde os conjuntos natalenses apresentados, alcançaram o maior sucesso.

Foram criados, também, conjuntos infantis de folclore.

8. - BIBLIOTECAS POPULARES

No Plano de Democratização da Cultura, duas questões preocuparam, de princípio, a nossa administração: **o livro e a cultura.**

Num país onde as disponibilidades para aquisição de livro são difíceis, a expansão da leitura através de bibliotecas públicas é uma medida de largo alcance.

Natal, cidade com 200 (duzentos) mil habitantes, não possuía UMA biblioteca pública.

Tendo em vista esta deficiência, instituímos um plano de instalação de bibliotecas populares nos bairros da cidade.

Assim é que, nos meses de maio e julho de 1962, foram instalados dois Postos de Empréstimos, localizados nos bairros das Rocas e Quintas, regiões autenticamente populares.

Antes, havíamos feito uma grande campanha nas ruas de Natal, solicitando o apoio da população (todas as nossas iniciativas, na Prefeitura, eram alicerçadas no povo), pedindo a doação de livros. O *livro que está sobrando na sua estante, é o livro que está faltando nas mãos do povo* - esta frase foi amplamente divulgada.

Um caminhonete, equipada com serviço de alto-falantes, percorria as ruas da cidade. Ao meio dia, no programa de rádio que a Campanha de Pé no Chão mantinha na rádio Nordeste, anunciava-se a marcha das doações. Estabelecia-se uma ligação telefônica no local aonde estivesse a caminhonete com a equipe encarregada de angariar os livros, fazendo-se uma transmissão ao vivo.

Foram arrecadados cerca de vinte mil volumes.

A comunidade integrava-se, mais uma vez, nas promoções da prefeitura. Velhos, meninos, mulheres, todos queriam doar um livro à Campanha. Havia cenas comoventes de avós que havendo guardado com carinho, livros pertencentes aos seus netos, vinham entregá-los para as bibliotecas populares. Crianças arrebatavam livros das bibliotecas de seus pais, destinando-os ao movimento de Pé no Chão, motivados pela legenda “o livro que está sobrando na sua estante, é o livro que está faltando nas mãos do povo”.

As bibliotecas populares, também chamados de “Postos de Empréstimos”, eram modestas barracas construídas de madeira.

Estavam localizadas em pontos centrais, de fácil acesso, caminho obrigatório da maioria da população do bairro. Ao seu lado um parque infantil. A criança vinha brincar no parque depois levava o livro

emprestado. Existia, também uma quadra de esportes, para basquetebol, voleibol, e futebol de salão. Nos dias e nas noites de jogos, uma multidão vinha assistir as partidas, que eram grátis.

Era uma oportunidade para tomar contato com a biblioteca e levavam um livro para ler em casa. Um telefone público, ao lado da biblioteca, era outro fator que contribuía para aumentar o número de leitores. Formava-se no povo humilde do subúrbio, o gosto pela leitura.

E um dia – parece um sonho – começaram a se formar “filas” para tomar livro emprestado!

Era o embrião da praças de cultura. O povo tendo acesso às fontes de saber.

Funcionavam em dois horários. À tarde, das 15 às 18 horas e a noite das 19 às 21 horas.

O acervo **inicial** de cada biblioteca, era de dois mil livros, que eram **suplementados** à medida que o movimento aumentava.

A biblioteca das Rocas, denominada Posto de Empréstimo Monteiro Lobato registrou nos primeiros meses, uma média de 2.675 empréstimos por mês, totalizando até agosto do mesmo ano 47.450 volumes circulando. Registraram-se como 1.961 (mil novecentos e sessenta e uma pessoas) nestes período como leitores da biblioteca Monteiro Lobato.

Falta-nos a estatística dos últimos meses de 1962 e do primeiro trimestre de 1963, quando a média dos empréstimos subiu de maneira extraordinária.

Na época realizou-se em Fortaleza um Congresso de Biblioteconomia e tomando conhecimento de uma comunicação feita pela poetiza Zila Mamede, chefe do serviço de bibliotecas da Universidade do Rio Grande do Norte, interessados pelo “fenômeno”, vários dos seus integrantes, terminado o conclave, dirigiram-se a Natal.

Constatada a veracidade e o êxito absoluto da experiência das Bibliotecas Populares, os delegados do órgão competente, subordinado ao Ministério da Educação, ofereceram um convênio a Pé no Chão, no qual o Ministério passaria a fornecer os recursos necessários ao desenvolvimento do plano. Infelizmente a “revolução” impediu que o mesmo se concretizasse.

A biblioteca das Quintas, denominada Posto de Empréstimo Castro Alves, nos seus primeiros 14 meses, contou com um empréstimo de 23.002 livros, numa média mensal de 1.445 empréstimos e com 1804 leitores registrados. Falta-nos, também, a estatística do final de 1962 e primeiro trimestre de 1963, quando a exemplo do que aconteceu no posto das Rocas, a média dos empréstimos também se elevou consideravelmente.

Com a criação da praça da cultura da cidade, instalou-se a terceira biblioteca popular. Esta já construída em caráter definitivo, no térreo da concha acústica, com estante de aço e mesinhas para os leitores. Era um passo adiante. Denominava-se de “Biblioteca Popular José de Alencar”.

As homenagens prestadas a José de Alencar, Castro Alves e Monteiro Lobato, como patronos das bibliotecas populares, tinham as suas raízes nas lutas de emancipação da cultura do povo brasileiro. José de Alencar, o nativismo; Castro Alves, o social; Monteiro Lobato, o econômico.

Eram as alicerces do Plano de Democratização da Cultura ganhando profundidade na consciência do povo. Isto, entretanto, foi considerado altamente subversivo...(ver anexo 7).

8.1. - BIBLIOTECA ROTATIVAS

Nos Acampamentos da Campanha De Pé no Chão também se Aprende a Ler, em julho de 1962, foram instituídas as bibliotecas rotativas,

que constavam de uma caixa de aço com capacidade para um pouco acima de 100 (cem) livros.

Continham livros de orientação pedagógica e livros infantis, para círculos de leitura com as classes.

Em número de 09 (nove), essas caixas faziam um rodízio de 30 em 30 dias entre os diversos acampamentos.

Assim, durante o ano letivo, passavam por cada acampamento, cerca de mil livros.

Estas pequenas bibliotecas rotativas apresentaram uma média de empréstimos mensais, cada uma de (...).

Com a criação de Centro de Formação de Professores, organizou-se a biblioteca com predominância de livros pedagógicos.

Caminhava-se para a instalação de uma biblioteca pública central, em amplas dependências, cuja construção havia sido terminada, no bairro das Rocas, localizada no primeiro andar do seu Centro Comercial.

O acervo das Bibliotecas Populares era organizado de conformidade com o interesse dos moradores, conhecidos através de pesquisas, fazendo-se o possível para despertar o gosto da boa leitura.

O processo de emancipação cultural do povo brasileiro era a nossa meta. .

Demos a nossa contribuição a um povo que tem sede de conhecimento, sede de verdade. (Ver anexo 8)

9. - CURSOS DE REALIDADE BRASILEIRA

Realizaram-se vários cursos intensivos de realidade brasileira.

O temário constava, além de outros, dos seguintes assuntos:

“Cultura Brasileira e Alienação”- “Análise e Crítica da Constituição Brasileira”- “Processo Espoliativo do Imperialismo”- “Realidade Brasileira”- “Reformas de Base”- “Aspectos da Economia Brasileira”- “O Professor Primário em Face da Realidade Brasileira”- etc.

10. - CONGRESSO DE CULTURA POPULAR

A Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, por intermédio do programa de democratização da cultura, realizou, entre os dias 21 de abril (Tiradentes) e 1º de maio (Dia Universal do Trabalho) de 1962, o 1º Congresso de Cultura Popular do Rio Grande do Norte.

Contou com a participação de delegados de outros estados, como Pernambuco, Guanabara, Rio Grande do Sul, Paraíba e Ceará.

Os objetivos do Congressos foram: “Difusão da Cultura e Politização Popular”. Os debates, com a participação de intelectuais do mais alto valor, alcançaram os seus objetivos, chegando a conclusões positivas.

11. - BOLETIM

Para fazer a difusão cultural da Prefeitura, a Secretaria de Educação editava, mensalmente, um boletim, que na modéstia das suas possibilidades gráficas, projetava as atividades desenvolvidas por estes setor da Administração Municipal.

12. - FESTAS TRADICIONAIS

Prestigiamos as tradições mais verdadeiras do povo, estimulando, participando, auxiliando, todas as festas populares da cidade.

Assim é que durante os ciclos Natalino, Junino e Reis Magos, a prefeitura fazia armar palanques no centro e nos diversos bairros da cidade, para exibição de conjuntos folclóricos, ornamentando as ruas com alegorias próprias, dando um caráter festivo, onde o povo se divertia com as suas danças e os seus cantos.

Instituímos uma Serenata Sentimental, para assegurar a perpetuidade das músicas do passado, que todas os anos, a meia noite de 24 de dezembro, data magna da cristandade e que relembra a fundação da cidade de Natal, partia do marco onde se construíram as primeiras casas da futura capital do estado do Rio Grande do Norte.

Esta serenata, prestigiada pelos velhos seresteiros, Evaristo de Souza, Jaime Wanderley, Carlos Siqueira, Gumercindo Saraiva, Santos Lima, Oscar Siqueira Sobrinho, Emerenciano, Botelho, etc., percorria as principais ruas e pela madrugada chegava ao ponto aonde se encontrava instalada uma grande árvore de natal e um Presépio. E durante o decorrer do dia, prosseguiam as festividades populares, em louvor à fundação de Natal, que somente depois de mais de trezentos e sessenta anos, passou a ser condignamente comemorada.

Procuramos dar projeção nacional à Festa dos Reis Magos, a mais antiga do Estado e que congrega milhares e milhares de pessoas, colocando-a no nível das grandes festas populares do Brasil, dentre as quais podemos destacar a do Senhor do Bonfim, na Bahia e a Festa de Nazaré, em Belém do Pará.

Precisamos resguardar as lendas e a poesia das festas populares para a

criação de uma mensagem que no futuro contribua para a formação histórica da cultura do povo brasileiro.

Infelizes os povos que não preservam as suas raízes.

13. - CENTRO POPULAR DE CULTURA (CPC)

A UNE Volante foi um meteoro que varreu o Brasil de norte a sul. No rastro ficou o sentimento de libertação, plantado no coração da juventude.

A União Nacional dos Estudantes nasceu sentindo o chamuscar da II Guerra Mundial

Os pracinhas embarcavam para os campos de batalha, na Europa, na guerra ao nazi-fascismo e os estudantes garantiam a retaguarda, lutando na frente interna, enfrentando e derrotando o Estado Novo, em seus últimos estertores.

A UNE é um símbolo, é o toque mágico que deu alento a uma geração sacrificada pelos dogmas do totalitarismo.

Quem participou de suas lutas, continuará, pela vida a fora, como um combatente da democracia.

É verdade que existem os “realistas cínicos que foram revolucionários na juventude e hoje são os melhores serviçais dos Estados Unidos”.

A UNE plantou uma semente que se transformou na árvore da liberdade.

Antes e depois da UNE, este é o divisor das águas, na vida universitária brasileira.

O CPC da UNE (Centro Popular de Cultura), fonte criadora de inteligência, levou ao povo, através da poesia e da música, a fraternal mensagem da democratização da cultura, que deve ser um bem de todos e não um privilégio dos bens nascidos.

Teatro da UNE, com as suas peças revolucionárias, os seus coros falados, os seus declamadores, a figura de Oduvaldo Viana Filho, tão diferente da teatralização estudantil de Pascoal Carlos Magno.

Imprensa universitária fazendo o lançamento de livros que ajudaram a modificar, para melhor, a história das idéias no Brasil. “Cristianismo Hoje” é um destes livros.

E finalmente a UNE VOLANTE.

Foi, realmente, um meteoro rasgando as dimensões continentais do Brasil .

Fogo inapagável de civismo, mensagem de fé, Estrela Vespertina, prenúncios de emancipação nacional.

“Canção do Subdesenvolvido”, de Francisco de Assis e Carlos Lyra; “José da Silva” e o “Falcão nacionalista” de Billy Blanco; “Zé da Silva”, “Canção Trilhãozinho”, “Grileiro”. O fabulosos poemas de Ferreira Gullar, Vinícius de Moraes, Moacir Félix.

Líderes estudantis de ontem, que são lendas no Brasil de hoje.

A UNE VOLANTE passou pelo Rio Grande do Norte e irmanou-se com a CAMPANHA DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER.

Organizado o CPC de Natal, ficaram à sua frente Natánias Von Shosten e Hélio Vasconcelos, com a participação de Eurico Reis, Paulo Frassinetti de Oliveira, Maria Lali, Danilo Bessa, Luís Maranhão, Janssem Leiros, Berenice Freitas, Tereza Braga, Carlos Lima, Arruda Fialho, João Faustino, Ginani, Geniberto Campos, Josemá Azevedo, Senhorinha, Carlos Tinoco, Deja Confessor, Irma Chaves.

A “Reconstituição histórica do processo de Tiradentes, mártir da Independência Brasileira, foi o cartão de apresentação do CPC ao povo de Natal.

VI – REPERCUSSÃO NACIONAL E INTERNACIONAL DE “DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER”

O que se escreveu sobre a Campanha de Pé no Chão também se Aprende a Ler, daria um livro muito maior do que este desprezioso documentário que acabamos de concluir.

A solidariedade intelectual nunca faltou. Jornalistas, romancistas, poetas, cantaram em prosa e verso a experiência de Natal, inclusive na literatura através dos “cantadores” que de viola ao peito batem-se nos “desafios”, autênticos menestréis, únicos profissionais do canto popular no mundo, tão ao sabor das sofridas populações nordestinas.

Não havia discriminação. Não se pedia atestado de ideologia. A esquerda se empolgava e a direita respeitava. Padres e comunistas, muitos pastores e protestantes, a dedicação de líderes espíritas e a seriedade de dirigentes maçons, somavam-se numa argamassa que era poderosamente consolidada pela exuberante participação da juventude. Os jovens marchavam na frente.

A hemeroteca existente na Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura, recortava e arquivava todas as notícias que no Brasil se publicavam sobre Pé no Chão.

Mas, o furacão dos IPMs arrasou com tudo, impiedosamente, impatrioticamente.

Resta-nos, porém, um mínimo dos “salvados do incêndio”.

São as opiniões que transcrevemos no capítulo que se segue, aliás, as primeiras opiniões divulgadas sobre a nossa campanha.

Possivelmente, um dia, estes arquivos serão recuperados para a história.

É o consolo amargo que ameniza a nossa tristeza e o nosso desencanto.

Observadores especiais estagiaram no Centro de Formação de Professores da Campanha de Pé no Chão, vindos do Ceará, Maranhão, Paraíba, Amazonas, Acre, Piauí, etc., uns oriundos das prefeituras e dos Estados, outros de órgãos educacionais. Nada menos de quarenta prefeitos do Rio Grande do Norte haviam assinado convênio com a Campanha para receber orientação pedagógica.

A UNESCO, através *del Fondo de Las Naciones Unidas para la Infancia* estimulou nossa experiência.

Da Itália, de longínquos países asiáticos, recebemos solicitações para enviar delegações a congressos de luta contra o analfabetismo.

1. - PREFEITO DE NATAL QUER ENSINAR A LER (“DIÁRIO CARIOCA”)

Em sua edição de 07 de abril de 1961, o “Diário Carioca”, do Rio, publicou uma reportagem sobre a Campanha de Alfabetização, encetada em Natal, sob o lema “DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER”.

“NATAL”- “DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER” é o lema que o Sr. Djalma Maranhão, está empregando para dar mais escolas às crianças da capital do Rio Grande do Norte.

Escolas estão sendo construídas pelos arrabaldes da cidade, e os meninos e meninas descalços, em taperas cobertas apenas de palhas, podem aprender a ler e escrever.

42.510 crianças e adultos não têm escola, ainda, para estudar, mas o Grupo de Trabalho de Educação Popular, criado pelo Prefeito de Natal está reunindo esforços para extinguir o analfabetismo na sua cidade.

Um apelo aos riograndenses do norte residentes no Rio de Janeiro foi enviado ao “Diário Carioca” pelo Prefeito de Natal, que espera receber para os seus concidadãos livros escolares, cartilhas, cadernos, lápis e outros materiais escolares, a fim de ajudá-lo na campanha.

Apenas 17.774 crianças têm escolas em Natal e o apelo do Prefeito potiguar se destina também aos que com mais sorte conseguiram melhor padrão de vida no Sul, que mandem para a Secretaria de Educação e Cultura, daquela capital, qualquer quantia a fim de que “mesmo de pé no chão também se possa aprender a ler”.

2. - A PRIMEIRA CONTRIBUIÇÃO PARA A CAMPANHA INICIATIVA NO RIO DE JANEIRO, DO JORNALISTA CLEANTO MAGALHÃES DANTAS

O jornalista potiguar, radicado no Rio de Janeiro, Cleando Magalhães Dantas, do “Diário de Notícias, enviou telegrama ao prefeito Djalma Maranhão, solicitando fotografias do Acampamento Escolar no bairro das Rocas, e onde as crianças aprendem a ler, na campanha de alfabetização encetada pela Prefeitura, através de sua Secretaria de Educação e Cultura.

É o seguinte o texto do telegrama endereço ao chefe do executivo natalense e que publicamos abaixo:

- Solicito fotografias Acampamento Escolar. Grande repercussão Rio. Saudações Cleanto Dantas.

3. - CHEGA A PRIMEIRA REMESSA

Chegou, no dia 16, a Natal em avião da Real Aerovias, procedente do Rio de Janeiro, quatro pacotes, contendo livros, cadernos, etc., pra a Campanha da Erradicação do Analfabetismo, deste município.

A contribuição enviada à prefeitura, foi fruto de uma campanha iniciada pelo jornalista Cleanto Magalhães Dantas, de o “Diário de Notícias”, do Rio de Janeiro.

Repercute assim, em todo o país a campanha do Prefeito Djalma Maranhão e do “Grupo de trabalho de Educação Popular”.

Foi o seguinte o material enviado pelo jornalista Cleanto Dantas, sem dúvida uma valiosa e generosa ajuda:

500 cadernos de aritmética; 3 grosas de lápis; 500 cartilhas “Ler”; 400 cartilhas “Saber”; 200 cartilhas “Guia de Alimentação”; 180 cartilhas “Alfabeto da Saúde”; 30 coleções de Mapas; 200 jornais “Para Todos”; 30 no “Rancho Serafim”; 30 “No Mato, Não! Na Casinha”. 30 “Boa Semente – Boa Produção 30 “Trate Bem dos Animais”; 30 “Porque Milho Híbrido é Melhor”; 30 “Tirar Leite Tem Ciência”.

(Transcrito do Boletim n.º 5 da Secretaria de educação da prefeitura de Natal, referente a maio de 1961).

4. - Revista UNICEF

(Boletín del Fondo de Las Naciones Unidas para la Infancia n.º 27 – 1962)

En 1960, se calculaba que Natal, ciudad de unos 200.000 habitantes y capital de Rio Grande do Norte, tenía alrededor de 60.000 analfabetos y

de estos, 25.000 eran adultos. En noviembre de ese año la Prefectura de Natal emprendió un campaña pionera de lucha contra el analfabetismo, orientada hacia las áreas mas pobres y abandonadas de la ciudad. Paralelamente, hizo un ... llamado a todo el país pidiendo ayuda económica.

Desde entonces, y con el lema DESCALZO TAMBIEN SE APRENDE A LEER, sus escuelas han enseñado las primeras letras y los primeros números a varios miles de personas de modesta condición a las cuales se las ha buscado y acogido sin ninguna exigencia de indumentaria o solvencia, justificando ampliamente el entusiasmo y la fe de quienes creyeron que esto era factible.

En poco tiempo, numerosos locales cedidos gratuitamente para la instalación de las escuelas – sindicatos, sociedades de beneficencia, clubes de fútbol, iglesias de diversos credos y particulares- ofrecieron el espacio necesario para proceder a la educación popular.

Sin embargo, esto no era suficiente, y hubo que construir dos Campamentos Escolares con nueve grandes pabellones de 30x 8, con techo de paja y piso de tierra, donde se encuentran matriculados ahora cerca de 2.700 alumnos.

Entonces se encontró que el problema desarrollaba una tercera fase: algunos adultos se avergüenzan de asistir a clases muy numerosas, para ello se buscaron profesores voluntarios que se hicieron cargo de grupos mas reducidos en casas particulares.

El “cuerpo docente” de esta campaña, reclutado casi integralmente entre personas de buena voluntad que reciben una gratificación nominal, es sometido a cursos intensivos y periódicos de capacitación y orientadores pedagógicos especialmente preparados asesoran permanentemente las escuelas con el fin de garantizar la regularidad y el rendimiento del

aprendizaje.

En forma paralela a la campaña de alfabetización, otras actividades están destinadas a integrar la escuela en la vida de la comunidad. Entre estas se cuenta el Círculo de Padres y Maestros, que además de reunir aquellos adultos que pueden influir mas de cerca en el desarrollo del niño y en la estructura de la comunidad , y que a la vez permite a los maestros conocer de cerca los problemas familiares de los educandos.

Entretanto, las escuelas ya estaban funcionando con una asistencia que llegaba a mas del 80% de las personas matriculadas y alcanzaba, en algunos casos, el 100% de los inscriptos. En los campamentos escolares, la enseñanza se hacia en tres turnos, y en seis meses el número de matrículas en las escuelas de Natal aumento en un 300%.

Simultáneamente un grupo de trabajo de educación popular, dirigido por un estudiante universitario natalense, entrevistó a mas de 1.600 habitantes en el barrio de Rocas, acumulando datos relacionados con la tasa de alfabetización; la Prefectura de Natal por su parte, organizaba un seminario sobre problemas educacionales y culturales que durante veinte días, repartidos en un plazo de cuatro meses, discutió toda la gama de problemas en relación con la enseñanza a diversos niveles en la capital.

Los periódicos de todo el Brasil comentaron entusiasmados la solución pacífica que se estaba a llevando a cabo en Rio Grande do Norte sin bombos ni platillos, con medios modestos y fondos reducidos, una idea prendida y las escuelas con sus aulas llenas eran la mejor prueba del éxito obtenido”.

5. - PONTO FINAL

“Defende para os teus netos o Brasil dos teus avós”.

Esta frase que aprendemos nos recuados tempos de nossa infância, é gravidade da hora presente, a mais forte mensagem que poderíamos retransmitir ao povo brasileiro.

Conhecemos nossas debilidades e identificamos todos os obstáculos que tivemos para realizar este trabalho, enfrentando a mais poderosa máquina publicitária já implantada no país, e cuja matriz encontra-se no exterior, para distorcer os fatos e influenciar a opinião pública, abastardando os nossos padrões culturais e orientando o povo brasileiro no roteiro do entreguismo através de uma campanha de massificação, para aceitar e admirar o dominador estrangeiro. O volume de publicidade que se transmite de fora para adentro de um país pobre, por intermédio do cinema, televisão, rádio, livros, jornais, revistas com suas histórias de quadrinhos, etc., é impossível de calcular. A opinião pública é anestesiada. Cria-se o fantasma de “subversivo” para todo patriota que se insurja contra este assalto, frio e calculadamente executado pelas agentes das chamadas “forças ocultas”. É o sonho diabólico do construir “impérios econômicos”.

No passado, em nosso continente americano, contra eles se insurgiram Bolívar, San Martín, Juárez, Martí, Artigas, Tiradentes. Todos foram impiedosamente perseguidos pelos vassallos dos donos eventuais do poder, denegridas as suas reputações. Lutaram mais pela liberdade que pela glória, mas o julgamento da história chegou tardiamente. Hoje são os heróis e exemplos destas nacionalidades nascentes.

O mérito deste livro é comprovar uma verdade irrefutável: é possível erradicar o analfabetismo no Brasil, financiado com dinheiro brasileiro, no período de cinco anos, dentro dos padrões clássicos da liberal democracia,

desde que o Governo Federal faça a opção por uma política nacionalista, rompendo com a problemática do subdesenvolvimento e decida-se a percorrer o caminho da emancipação nacional, dando ao povo a necessária conscientização da realidade brasileira. Com uma transformação na ordem social vigente, esse prazo poderá ser reduzido de cinco para um ano, a exemplo do que se verificou em Cuba. Esta, porém é outra história.

No início da Campanha, em nossa carta-mensagem apelando para todo o país, afirmávamos: “há momentos decisivos na vida dos povos. É a hora em que a história marca as suas encruzilhadas. Acreditamos que o povo brasileiro vive um desses momentos. Na sua luta contra o subdesenvolvimento ele precisa erguer do solo e ganhar a sua independência de ação. E só poderá fazer isto se for alfabetizado e tiver uma educação mínima que o faça afirmativo na sociedade. Acreditamos que chegamos nessa encruzilhada: ou o povo se alfabetiza ou se escraviza”.

Euclides da Cunha, em “Os Sertões, afirmou que “o sertanejo, é, antes de tudo, um forte”. E nós poderíamos complementar a frase, dizendo: apesar de analfabeto. Que potencial imenso de energia e inteligência existe no homem brasileiro, inclusive em regiões onde o índice de analfabetismo atingiu 70% (setenta por cento). Não aprendeu, em sua esmagadora maioria, nem sequer a carta do ABC. O próprio sertanejo responde com a simplicidade de uma frase que já se tornou dramaticamente célebre e profundamente triste em todo o Brasil: “A minha escola foi o cabo da enxada”.

A luta contra o **colonialismo cultural** deve ser paralela à batalha contra a **espoliação econômica**. São duas frentes que se identificam no objetivo comum de qualquer povo subdesenvolvido que pretende alcançar a sua maioria como Nação Independente.

A corrupção é outra praga que se infiltra sornateiramente no mundo

subdesenvolvido. É preciso ter coragem de resistir à tentação de não participar da malversação dos dinheiros públicos. Um dos vários **segredos** dos êxitos alcançados em nossa administração, foi evitar a colaboração de pessoas que tivessem a volúpia pelo dinheiro, o anseio desmedido de ficar rico. Preferimos a convivência dos nacionalistas verde-amarelo, socialistas de todos os matizes (alguns, vaidosos com mania de alcançar projeção), visionários de todas as religiões, agnósticos empedernidos, aqueles que eram considerados “loucos”- idealistas uns e fanáticos outros – capazes de carregar o mundo com a força do cérebro ou dos músculos. Com o golpe de abril fomos presos, cassados os direitos políticos por 10 anos, demitido do emprego e deposto do cargo de Prefeito, inclusive mandado para a sinistra Ilha Presídio de Fernando de Noronha, no meio do Atlântico. Os famosos IPMs (Inquéritos Policiais Militares) fizeram duas devassas na prefeitura. Além da Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, havíamos complementado a administração com um plano de obras, construindo e inaugurando o Palácio dos Esportes, Estação Rodoviária, Centro Comercial das Rocas, Lavanderia Modelo das Quintas, Mercado de Lagoa Seca, Conjunto de Casas Populares, Telefones Públicos, Parques Infantis, Quadras de Esportes, Chafarizes, Abrigos nas paradas de ônibus, Fontes Luminosas, bibliotecas, iluminação a mercúrio no centro da cidade, prédios para o Ginásio Municipal, Escola de Comércio e Centro de Formação de Professores, dois centros educacionais, galerias de águas pluviais, pavimentação a paralelepípedos em 120 (cento e vinte) ruas, iniciamos a Era do Asfalto e o Estádio Olímpico, e lançamos a primeira etapa da Avenida do Contorno, também chamada de Anel Rodoviário de Natal, tudo isto **com dinheiro brasileiro**, sem os clássicos “convênios” e “ajudas” do “país amigo”. Nas duas devassas realizadas na Prefeitura o resultado foi ridículo para eles e altamente honroso para nós.

Todas as obras efetuadas foram construídas por custos menores do que os orçamentos previstos.

Não houve subterfúgio que conseguisse colocar uma mancha no pulmão sadio das finanças municipais.

Parece anedota, mas é verídico. Um dos membros de um IPM depois de examinar a reexaminar as folhas de pagamento da prefeitura, chegou a seguinte conclusão: “Isto é uma tática comunista, trabalhar a baixo preço para desmoralizar a democracia”. É o cúmulo do absurdo condenar-se uma administração pelo fato de não aproveitar-se em benefício próprio ou de amigos, dos dinheiros do povo. Verdade é que o golpe de abril teve como um dos seus mais categorizados chefes o homem que criou no Brasil o degradante lema: “Rouba mas faz”. A nossa equipe, na Prefeitura de Natal, cujo secretariado assim constituía-se: Finanças, economista Roberto Furtado; educação e Cultura, professor Moacyr de Góes; Viação e Obras, engenheiro Wilson Miranda; Interior e Desenvolvimento, advogado Ernani Silveira; Saúde, médico Heriberto Bezerra, realizou o crime imperdoável de **Trabalhar e não Roubar**.

A explosão demográfica é outro fator preponderante, com a população brasileira aumentando aos saltos, faz do analfabetismo um problema ainda mais angustiante.

Ontem éramos 80 (oitenta) milhões de habitantes com mais da metade constituídos de analfabetos. Amanhã seremos 100 (cem) milhões.

A população em idade escolar aumenta de ano para ano.

A construção de escolas e o preparo de professorado não acompanha este ritmo de crescimento.

O que fazer?

Isto é o que tentamos responder na modéstia das páginas deste livro.

Para estabelecer um razoável equilíbrio de forças, Pé no Chão teve

necessidade de recorrer a uma estratégia não convencional, revolucionando os processos de ensino primário, especialmente para adaptá-los à limitação de recursos materiais e humanos, à premência de tempo e ao volume populacional a ser atingido pela alfabetização.

Da mesma maneira que um exército na guerra clássica não pode adotar técnica guerrilheira, o nosso método **não serve para os países adiantados**, para as nações que alcançaram a etapa superior da industrialização. “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler” é uma experiência válida **para as áreas do mundo subdesenvolvido**.

Pé no Chão – para usar uma expressão em moda – foi um guerrilha de alfabetização e cultura contra o poderoso Império da Ignorância...

Anexos

Anexo 1

Tabela 1. PERCENTAGEM DA POPULAÇÃO QUE FREQUENTAVA A ESCOLA EM 1961 EM 18 PAÍSES LATINO-AMERICANOS

	1	2	3	4	5	6
Argentina	81,4	70,1	19,2	16,0	6,0	3,2
Bolívia	20,9	7,4	1,8	1,0	0,3	0,1
Brasil	44,5	33,8	3,9	3,2	0,8	0,4
Chile	75,4	68,3	15,6	14,1	4,1	2,5
Colômbia	57,3	49,6	6,5	5,8	1,4	0,7
Costa Rica	74,4	68,5	16,2	13,8	4,0	1,5
R.Dominicana	38,8	28,4	3,8	3,2	0,4	0,2
Equador	51,8	40,1	4,9	4,0	1,5	0,7
Salvador	36,0	25,3	2,7	2,0	0,4	0,1
Guatemala	24,4	11,2	1,9	1,5	0,2	0,1
Haiti	5,7	2,4	0,9	0,2	DESPREZÍVEL	DESPREZÍVEL
Honduras	31,2	22,7	2,8	1,8	0,3	0,1
México	52,5	39,4	7,4	7,1	3,2	1,6
Nicarágua	38,4	24,1	2,1	1,6	0,5	0,2
Panamá	64,9	40,0	4,8	4,1	3,3	1,5
Peru	50,8	30,1	3,6	3,0	0,8	0,5
Uruguai	90,2	83,6	24,5	22,6	8,1	4,2
Venezuela	48,3	32,2	3,4	3,0	0,7	0,4
Média para os	49,3	38,3	7,0	6,0	2,0	1,0

1) % freqüenta escola; 2)% concluiu 2 a nos; 3) % concluiu primário; 4) % freqüentou secundário ou técnico; 5) % concluiu secundário ou técnico; 6) % freqüentou universidade. Transcrito do livro "A Invasão da América Latina" de John Gerassi deixou de incluir estatística sobre Paraguai e Cuba.

Anexo 2

PLANO Nº 1 – COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA DA CAMPANHA DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER

Assunto: planejamento de um curso de férias para as professoras primárias municipais da Capital e arredores e candidatas ao ingresso no magistério municipal.

Critério para matrícula: serão obrigatoriamente matriculadas as professoras que já integram o quadro, havendo margem de vagas para matrícula de novos elementos a serem aproveitados progressivamente, de acordo com as necessidades; a medida que se for estendendo a rede escolar municipal.

Duração provável: um mês e meio aproveitando-se o período de férias escolares. Início do curso nos primeiros dias de fevereiro de 1961.

Horário dos trabalhos: as aulas funcionarão no seguinte horário: das 7 às 11 da manhã e das

14 às 17 da tarde. Justifica-se o caráter intensivo do curso, a finalidade de ser alcançado em curto período um alto rendimento.

Convocação: será feita através da Diretoria de Ensino da Prefeitura, que expedirá circulares às escolas informando aos professores sobre as condições de matrícula e as finalidades do Curso. A chamada por meio de Edital se destinará aos novos elementos com especificação de número de vagas para frequência ao curso, bem como condições de ingresso e futuro aproveitamento.

Objetivo geral: verificar o nível de preparo das professoras a fim de realizar o treinamento baseado nas deficiências do domínio dos conteúdos das matérias do primário e no conhecimento dos princípios da técnica pedagógica.

Objetivos particulares:

- a) dar às professoras a noção dos objetivos visados na realização do curso, levando-as a sentirem a necessidade do preparo específico para o trabalho que vêm desempenhando, e de uma revisão e fixação dos conhecimentos que possuem sobre as principais matérias do curso primário;
- b) promover debates em torno do conceito da educação integral para que as professoras compreendam as finalidades das escolas primárias municipais e aceitem a orientação dos métodos e recursos indispensáveis do trabalho educativo;
- c) estabelecer critérios para organização de classes das escolas primárias, material didático mínimo indispensável a ser utilizado nas aulas;
- d) orientar sobre (...)
- e) oferecer sugestões (...) recursos que promovam a socialização das crianças e levem os pais e a comunidade a cooperarem nas iniciativas da escola – Círculo de pais e professores – Caixa Escolar etc.;
- f) levantamento sobre as condições de trabalho indispensável (...).
- g) elaborar com as professoras planos de trabalho em que sejam focalizados os diferentes aspectos da educação integral;
- h) traçar diretrizes para aplicação do novo plano de ensino primário para as escolas municipais, obedecendo o critério da idade cronológica e de aproveitamento do aluno.

Desenvolvimento dos trabalhos: através de aulas, palestras, debates, apresentação do material didático, jogos a serem confeccionados pelas professoras. Aplicação dos questionários para levantamento de problemas.

Avaliação dos resultados: no final do curso as professoras serão submetidas a um trabalho. As candidatas cujas provas evidenciarem resultados insuficientes continuarão, embora em exercício, a receber treinamento reservando-se um dia na semana para que em um horário de quatro horas possam assistir aulas de recuperação das matérias em que apresentarem pouco rendimento.

Programas: o programa em anexo fixa as matérias e limites de conteúdos a serem vencidos durante o período do curso.

Outras providências: serão oportunamente apontadas pela Diretoria de Ensino da Secretaria de Educação e Cultura do Município de Natal.

PROGRAMA DO CURSO PORTUGUÊS

1. Redação de cartas, telegramas, recibos.
2. Ofícios.
3. Relatórios.

4. Ditado.
5. Leitura:
 - a) leitura silenciosa com interpretação escrita;
 - b) leitura oral levando em consideração os seguintes aspectos: altura da voz, expressão, pronúncia;
 - c) interpretação oral – destacando as idéias principais e as secundárias.
6. Gramática – exercícios escritos e orais;
 - a) categoria gramatical;
 - b) reconhecer os elementos principais da sentença;
 - c) conhecer a conjugação dos verbos regulares, irregulares, auxiliares e defectivos e saber flexioná-los convenientemente em exercícios variados;
 - d) emprego correto da crase;
 - e) conhecer sinônimos, homônimos e antônimos;
 - f) acentuação gráfica de acordo com o vocabulário de 1943.

MATEMÁTICA

1. Operações com inteiros e decimais;
2. Problemas que envolvam conhecimentos de inteiros, frações decimais e sistema métrico;
3. Cálculo mental;
4. Multiplicação e divisão de inteiros e decimais por 10, 100 e 1000
5. Frações:
 - a) operações;
 - b) frações redutíveis e irredutíveis;
 - c) redução de fração ao mesmo denominador.
6. Sistema métrico:
 - a) operações;
 - b) área;
 - c) reduções;
 - d) perímetro
 - e) metro cúbico.

CONHECIMENTOS GERAIS

1. História:
 - a) Descoberta do Brasil;
 - b) Três primeiros Governadores gerais;
 - c) Catequese e os Jesuítas;
 - d) Independência;
 - e) Abolição;
 - f) República.
2. Geografia:
 - a) Estados, territórios e respectivas capitais do Brasil;
 - b) (...).
 - c) o Estado do Rio Grande do Norte: limites, zonas e suas riquezas. Importação e Exportação;
 - d) o mundo: divisão do globo terrestre em águas e terras: os Continentes e os grandes oceanos.
 - e) Os países da América, da Europa e respectivas capitais.

CIÊNCIAS FÍSICAS E NATURAIS

- a) Estados físicos dos corpos;
- b) O homem: partes do corpo, principais ossos da cabeça, tronco e membros;
- c) Principais aparelhos do corpo humano: digestivo, circulatório, respiratório, urinário.
- d) Partes da planta.

ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA

1. Linguagem:
 - a) como iniciar a leitura;
 - b) leitura nas diferentes séries;
 - c) ditado;
 - d) cópia;
 - e) composição;
 - f) escrita.
2. Matemática:
 - a) como iniciar o ensino da matemática;
 - b) fatos fundamentais – a tabuada;
 - c) aprendizagem das operações fundamentais;
 - d) frações;
 - e) problemas

Observação: com a criação do Centro de Formação de Professores os Cursos foram oficializados e passaram a obedecer à Lei de Diretrizes e Bases de Educação. O referido centro era a cúpula do plano educacional que em todo o Brasil passou a ser denominado de “Pé no Chão”.

Anexo 3

CUSTO E FUNCIONAMENTO DEMONSTRATIVO Nº 1

Discriminação dos itens relativos à construção de um galpão:

➤ 2.000 palhas de coqueiro para cobertura a Cr\$ 5 cruzeiros...	Cr\$ 10,00
➤ 20 quilos de pregos a Cr\$240,00.....	Cr\$ 4,80
➤ madeirame.....	Cr\$ 53.7
➤ piso de barro batido.....	Cr\$ 570
➤ mão-de-obra de construção.....	Cr\$21.5
➤ total.....	Cr\$95.0

Custo total de construção de um galpão: noventa e cinco mil cruzeiros.

Uma Sala de Aula. Um galpão tem quatro salas.

Preço de construção de uma Sala de Aula: Cr\$ 23.750,00

DEMONSTRATIVO Nº 2

Discriminação dos itens relativos às instalações necessárias ao funcionamento de uma galpão:

➤ 60 carteiras duplas a Cr\$ 1.800,00 (rústicas).....	Cr\$ 108.00
➤ 04 tamboretos a Cr\$ 210,00.....	Cr\$ 84.
➤ 04 mesinhas a Cr\$ 1.400,00.	Cr\$ 5.60
➤ 04 quadros negros a Cr\$ 900,00.....	Cr\$ 3.60
➤ 04 filtros a Cr\$ 800,00.....	Cr\$ 3.20
➤ 04 quadros murais a Cr\$1.300,00.....	Cr\$ 5.20
➤ 04 apagadores a Cr\$ 60,00.....	Cr\$ 24
➤ instalações elétricas.....	Cr\$ <u>14.50</u>
➤ custo total das instalações.....	Cr\$ 141.18

Uma Sala de Aula. Uma galpão tem quatro (4) salas.
Preço das instalações de uma sala de aula: Cr\$ 35.295,00

DEMONSTRATIVO Nº 3

Despesas relativas ao funcionamento de um galpão durante o ano letivo.

Pessoal: Grupo de Trabalho de Educação Popular.....	Cr\$ 187.000
12 regentes de classe, percebendo a gratificação mensal de Cr\$ 2.000,00 relativo aos 12 meses.....	Cr\$ 288.000
manutenção material escolar: livros, cadernos, giz e mapas	Cr\$ 40.000
água, energia elétrica e carvão.....	Cr\$ <u>20.000</u>
custo de um ano letivo de funcionamento de um galpão...	Cr\$ 535.000

Funcionam no galpão 12 classes durante o ano.
Custo do funcionamento de **uma classe** por ano letivo.....Cr\$ 44.650

Cada classe tem 30 alunos.
Custo de **cada aluno** durante o ano letivo.....Cr\$ 1.488

Observação: estes preços correspondiam aos custos vigentes em janeiro de 1962, quando a cotação de um dólar era equivalente a oitocentos reais.

O outro **segredo** da Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler é a preparação do seu professorado, assunto que abordaremos em outro capítulo.

Com um aluno custando somente **HUM MIL QUATROCENTOS E OITENTA E OITO CRUZEIROS** por um ano letivo, poderíamos realizar a educação democraticamente aberta a todos, fiel (...) brasileira, **financiada por dinheiro brasileiro.**

Anexo 4

RESUMO DO MOVIMENTOS DAS “ESCOLINHAS” NO MÊS DE SETEMBRO - 1961

SETOR	MATRÍCUL A	FREQÜÊNCIA	(%)	MÉDIA MATRIC.	MÉDIA FREQ.	N.º DE ESCOLAS
Cidade sem Acampamentos	4.287	3.692	86	33	28	127
Rocas sem acampamentos	945	726	76	27	21	34
Acampamento das rocas	1.266	1.045	82	27	22	46
Acampamento do Carrasco	1.347	(...)066	76	37	29	36
TOTAL	7.845(1)	(...)529	83	32	26	243

MOVIMENTO DAS ESCOLINHAS NA CIDADE SEM ROCAS E CARRASCO

SETOR	MATRÍCULA	FREQÜÊNCIA	%	MÉDIA MATRIC.	MÉDIA FREQ.	N.º DE ESCOLAS
Alecrim	706	(...)2	88	33	29	21
D. Rosado	708	(...)7	84	33	28	22
Bom Pastor	79	1(...)	77	39	31	2
Guarita	143	68(...)	92	35	33	4
Quintas	764	3(...)	88	34	30	22
Ponta Negra	37	3(...)	83	37	31	1
N.Descoberta	117	105	89	39	35	3
N.S.Nazaré	35	34	97	35	34	1
Igapé	138	107	77	34	26	4
Boa Sorte	75	64	85	37	32	2
Lagoa Seca	451	364	80	32	26	14
Santos Reis	50	45	90	25	22	2
Morro Branco	37	26	70	37	26	1
Tirol	111	104	93	37	34	3
Cidade	132	112	84	33	28	4
Ribeira	32	32	100	32	32	1
Petrópolis	394	338	85	30	26	13
Conceição	241	205	85	34	29	7
Redinha	37	33	89	37	33	1
TOTAL	4.266	3.962	86	33	28	127

PLANO PILOTO DE ERRADICAÇÃO DO ANALFABETISMO – ROCAS

SETOR	MATRÍCUL A	FREQÜÊNCIA	(%)	MÉDIA MATRI C.	MÉDI A FREQ.	N.º DE ESCOLAS
Acampamento	1.266	1.045	82	27	22	46
Setor de Acampamento	128	116	90	32	29	4
Areal	206	148	71	29	21	7
Canto Mangue	611	462	75	26	20	23
TOTAL	2.211	1.771	80	27	22	80

DESDOBRAMENTO DO ACAMPAMENTO DAS ROCAS POR TURNO

HORÁRIO	MATRÍCUL A	FREQÜÊNCIA	(%)	MÉDIA MATRI C.	MÉDI A FREQ.	N.º DE ESCOLAS
MANHÃ	459	385	83	28	24	16
TARDE	460	392	85	28	24	16
NOITE	348	268	77	24	19	14

DESDOBRAMENTO DO ACAMPAMENTO DO CARRASCO POR TURNOS

HORÁRIO	MATRÍCUL A	FREQÜÊNCIA	(%)	MÉDIA MATRI C.	MÉDI A FREQ.	N.º DE ESCOLAS
MANHÃ	491	377	76	40	31	12
TARDE	493	392	78	28	24	16
NOITE	363	302	83	30	25	12
TOTAL	1.347	1.066	79	37	29	36

Anexo 5

QUADROS ESTATÍSTICOS DA PESQUISA SOBRE O ANALFABETISMO

QUADRO N.º 1

QUARTEIRÃO	TOTAL DE ENTREVISTADOS	PROCEDÊNCIA		
		INTERIOR	OUTROS BAIRROS	ROCAS
Rua da Floresta	75	61	07	07
Rua Décio Fonseca (e travessa) e Três de Outubro (e travessa)	58	51	01	06
Rua Belo Monte, Trav. Belo Monte, Rua Campos Pinto e Rua Décio Fonseca	66	51	10	15

TOTAL DE ENTREVISTADOS: 199

Numa visão geral do assunto, o Quadro 2 apresenta o resultado da entrevista de 1.306 analfabetos sobre o período em que moram nas Rocas.

QUADRO N.º 2

PERÍODO EM QUE MORAM NAS ROCAS	(%)	PERÍODO EM QUE MORAM NAS ROCAS	(%)
Menos de um (1) ano	8,80	De 31 a 40 anos	4,85
De 01 a 05 anos	23,58	De 41 a 50 anos	1,45
De 06 a 10 anos	20,21	De 51 a 60 ano	0,84
De 11 a 20 anos	24,11	De 61 anos ou mais	0,45
De 21 a 30 anos	10,64	Sem declaração	5,05

TOTAL DE ENTREVISTADOS: 1.306

A influência de elementos vindos de fora se torna mais patente quando se compara o Quadro n.º 2 ao que reproduzimos a seguir.

QUADRO N.º 3

Classes de idades	(%)	Classes de Idades	(%)
09 anos ou menos	5,19	De 51 a 60 anos	11,57
De 10 a 20 anos	16,11	De 61 a 70 anos	7,99
De 21 a 30 anos	18,77	De 71 a 80 anos	2,69
De 31 a 40 anos	20,85	De 81 anos ou mais	0,46
De 41 a 50 anos	16,04	Sem declaração	0,58

TOTAL DE ENTREVISTAS: 1.539

O confronto dos dois quadros põe em destaque o fato de que grande número dos adultos analfabetos já chegaram no bairro com idade além da faixa de escolaridade.

Cabe aqui um esclarecimento. Os quadros 2 e 3 têm o seu valor somente para indivíduos de mais de 14 anos, de vez que nossos inquéritos coincidiram com o índice das matrículas nas Escolinhas Municipais e outros estabelecimentos de ensino primário no bairro. Assim, mesmo a classe de 10 a 20 anos, de vez que encerra idades em que é possível a matrícula em escolas ou classes para crianças (10 a 14 anos) merecem uma confiança relativa. Pode-se, entretanto, avaliar em aproximadamente dois (2) mil e 600 o número de crianças atualmente matriculadas no

primeiro ano e analfabetas. A vista desse fato, trataremos do problema infantil no terceiro item desse relatório, atende-nos por enquanto ao problema dos adultos.

ANATOMIA DO ANALFABETISMO

A questão essencial para resolução do problema do analfabetismo vai residir no desejo ou não de aprender a ler. Agrupamos no quadro abaixo as respostas a essa pergunta básica nas Rocas.

QUADRO N.º 4

RESPOSTAS	%
Afirmativa	36,97
Negativa	52,24
Dúvida	10,78
TOTAL DE ENTREVISTAS	1.539

Vê-se portanto que as respostas negativas predominam, mas antes de se (...) explicação do quadro, vejamos quais as razões alegadas para o desejo de não aprender a ler.

QUADRO N.º 5

MOTIVOS	%	MOTIVOS	%
IDADE	43,90	IDADE E DOENÇA	3,84
TEMPO	22,63	DOENÇAS	0,18
IDADE E TEMPO	5,97	NÃO DECLARADOS	14,05

TOTAL DE ENTREVISTADOS: 1.539

Observa-se claramente que a idade é o motivo alegado com mais frequência e o número de respostas negativas aumenta com a idade, como se pode ver no Quadro 6, organizado à base de amostragem.

QUADRO N.º 6

IDADES	RESPOSTAS AFIRMATIVAS (%)	RESPOSTAS NEGATIVAS (%)	RESPOSTAS INDECISAS (%)
10 a 20	84	14	2
21 a 30	42	40	18
31 a 40	30	56	14
41 a 50	24	64	12
51 a 60	12	82	6
Mais de 60	4	92	4

TOTAL DE ENTREVISTADOS: 300

Expostas as bases estatísticas do problema, passemos à sua análise.

Dois fatos quedam logo assentados: a resposta espontânea à pergunta se deseja ou não aprender a ler, é, em mais da metade dos casos, negativa e os fatores idade e tempo são os que mais pesam como razão da negativa.

Estamos lidando com um problema cujas raízes vêm do passado e que se desenvolve num ambiente de desajustamento ao complexo social-econômico.

Demonstraremos, em outra parte, que o máximo do analfabetismo entre os adultos nas Rocas é alotóctone: reside no fato de que indivíduos do interior, onde não encontraram ambiente propício para o estudo e forçados pela esperança de melhor nível econômico na cidade, com ou sem um estágio intermediário em outro bairro.²

Essa falta de instrução e educação no passado reflete-se no presente. Examinamos o motivo **idade** como justificador da negativa. A frase que mais ouvimos foi: - “já viu papagaio velho aprender?” Seguida de outra: “na minha idade?”. Embora semelhantes à primeira vista, traduzem sentimentos diversos. A última é um protesto delicado contra a ofensa à dignidade das cãs que seria o fato de freqüentar a aula – o pudor, de se por no mesmo nível das crianças, enfrentando um professor ou professora jovem.

Alguns indivíduos que alegaram a idade como justificativa de **não**, afirmaram anteriormente que talvez estudassem, caso o professor não fosse muito jovem. Este tipo de resposta já traduz sentimentos de outra ordem. Fala de não poder aprender porque a idade embota a inteligência.

² - Os adultos analfabetos do bairro são testemunhas de uma época de pouca assistência educacional . 177

É interessante notar que nenhum argumento poderá convencer muitos daqueles que acreditam na incapacidade de assimilação no adulto idoso.

Uma outra série de fatores vem justificar a resposta negativa: é o tempo, ou melhor expresso, a ocupação, já vimos que grande parte do bairro é integrada por pescadores, estivadores, pequenos comerciantes, lavadeiras e servidores públicos de menor importância, além de grande massa de donas de casa. São indivíduos que não têm horário certo de trabalho, como pescadores e estivadores, ou no fim do dia se encontram por demais cansados para enfrentar uma sala de aula à noite. É um problema de ordem social.

Deve-se considerar, ainda, o desestímulo natural motivado pela idade e pelo esforço de subsistência, visível no quadro n.º 6.

Efetivamente, um indivíduo de 40 (quarenta) anos, que desde a infância lutou pela vida, e já conseguiu um posição capaz de garantir-lhe sofrivelmente a sobrevivência, não vê razão para aprender a ler, uma vez que sabe grafar seu nome para conseguir o título de eleitor e não encontrará novas oportunidades em virtude de ser idoso. Portanto, para que quebrar a cabeça numa sala de aula, quando a manutenção da família já lhe cria uma “série de problemas”?

E não é necessário ir-se aos 40 anos.

Indivíduos de 30, ou mesmo 25 (vinte e cinco) já se sentem dominados pelo desânimo, conseqüência natural de um desajustamento socio-econômico, embora tenham mais possibilidades a seu favor.

O problema mulher é o mais grave. O quadro n.º 7 nos mostra como a percentagem de mulheres analfabetas é superior a de homens.

QUADRO N.º 7

SEXO	PERCENTAGEM
MASCULINO	38,10
FEMININO	61,89

TOTAL DE ENTREVISTADOS: 1.539

A mulher casada ou amasiada têm já a sua posição definida, com uma relativa segurança, por vezes apenas imaginária, não se preocupando em sobrecarregar sua função de dona de casa, com a de estudante. Quando só, obrigada a lutar pela vida, o desestímulo domina-lhe o espírito, e ela não vê uma razão bastante forte para aprender a ler. Ou, se noiva, desdenha a educação por ter o futuro garantido. Existe ainda um fator de ordem social que é a situação de inferioridade da mulher nas camadas mais baixas da sociedade.

Tentemos agora remontar a origem do problema.

Vimos que grande parte dos adultos analfabetos vêm do interior. Já chegaram ao bairro analfabetos. Em seu local de origem não encontravam ambiente para estudar. O exame de algumas declarações a respeito resultará esclarecedora sobre a origem do mal:

“Minha escola foi o cabo da enxada”. É o problema do agricultor, do servente (...) afastado da cidade e sendo obrigado a (...)

- nem estímulo – seus pais eram analfabetos e estavam mais interessados na colheita que na leitura de um folheto. Um determinante social.

- “Não me interessei”. Reflete a falta de estímulo externo (...) dos pais e da própria professora – e interno – ausência de espírito de (...) de evolução, em parte motivado pelo primeiro.

- “meus pais não botaram na aula”. Mais uma vez a questão do estímulo de interesse. É ainda a questão da necessidade de sobrevivência, de falta de escolas, da ausência de educação.

- “meus pais não me botaram na escola para eu não escrever carta pros namorados”. Resposta feminina que traduz a maneira patriarcal de encarar a alfabetização e a posição da mulher na sociedade. Embora as autoras de respostas fossem mulheres de certa idade e essa visão das coisas esteja em via de extinção, muitos pais de família ainda mantêm tais atitudes.

- “A professora não prestava”. A clareza da frase dispensa comentários traduzindo bem a deficiência do ensino primário.

- “A cabeça não deu”. A que atribuir tal fato? A uma deficiência orgânica? Cremos antes numa falta de assistência educacional que em doença.

Essas frases são das mais comuns que registramos, apontam as causas (...) do fato: deficiência escolar, necessidade de lutar pela vida, deserção ... É, numa expressão sintética, o desequilíbrio social.

Tal mergulho em razões pregressas impõe-se como uma necessidade para compreensão do analfabetismo nas Rocas – e, acreditamos, em qualquer bairro proletário. Pois o estado atual dos fatos tem suas raízes no passado e persiste até hoje.

As conseqüências daquele desajustamento passado, refletem-se agora, que os indivíduos já encontram novos **status**. São as recusas, o medo de aprender a ler. São as desastrosas conseqüências sobre a infância que abordaremos a seguir.

O ANALFABETISMO DE CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR (DOS 7 AOS 14 ANOS)

O problema do analfabetismo de crianças em idade escolar (de 7 aos 14 anos) é tanto mais grave quando se considera que atinge mais da metade da população de bairro.³ Ao lado da falta de escolas, contribuem para agravá-lo a falta de assistência por parte dos pais e o desajustamento social.

Há interesse em matricular as crianças, e mesmo uma certa atenção no início do período letivo, uma vez, porém passada esta fase, o contato do pai com a atividade escolar da criança, limita-se a um exame ocasional dos **deveres de casa**, por cujo volume é aquilatada a competência da professora e o aproveitamento do filho.

De um modo geral, o curso primário é acidentado. A freqüência média nos primeiros anos das Escolinhas Municipais, nos vários setores é a seguinte:

Quadro n.º 8

ACAMPAMENTO	87%
ROCAS DA FRENTE	84%
AREAL	7(...)%
CANTO DO MANGUE	87%

As faltas são motivadas em parte pela necessidade que tem os pais de alguém que os auxílio e nas lides domésticas, em parte pelo descuido dos mesmos. Em menor quantidade, por motivo de doença.

Também a evasão escolar se manifesta em conseqüência do desinteresse dos pais, e, porque não dizer?, da falta de assistência social e técnica na escola primária. Como tratamento apenas do analfabetismo, vamos apresentar os dados referentes ao 1º ano de algumas das Escolinhas Municipais.

QUADRO N.º 9

ESCOLA	FREQÜENTAM PELA 1ª VEZ A ESCOLA	ESTUDANTES ANTERIORMENTE
CANTO DO MANGUE (17 ESCOLAS)	69,2%	30,8%
RUA SÃO FRANCISCO	50%	50%
RUA BELO HORIZONTE	44%	56%
SINDICATO DOS ARRUMADORES	38,6%	61,5%

³ - As cifras referentes ao bairro das Rocas indicavam o total de (...) acordo com as estimativas com base (...) 950 do IBGE e no resultado global do último recenseamento (...).

O quadro acima deixa entrever o problema da evasão. Na realidade, o 1º ano primário é aquele em que se faz sentir com mais intensidade.

As crianças não possuem no lar um ambiente que lhes favoreça a formação. Os pais não possuem instrução e a educação ministrada é precária. A rua é a grande escola dos garotos. A subnutrição, seu estado normal. A fome endêmica dos garotos é sublinhada pelo fato de que, mal se começou a distribuir o leite do FISI nas escolinhas, aumentaram os índices de frequência. Nessas condições, do desajustamento social permanente, de subnutrição endêmica, de ambiente doméstico pouco sadio, não raro o trabalho da professora é prejudicado. Ainda mais se acentua o desajustamento quando consideramos que muitos desses garotos prestam colaboração para o equilíbrio do orçamento doméstico, carregando fretes nos mercados e feiras, ou vendendo pirolitos e outras guloseimas.

O nível econômico das camadas médias do bairro não permite a existência de empregadas domésticas, de forma que o filho ou a filha mais velha fica em casa cuidando das pequenas tarefas do lar ou do irmão mais novo.

Essas crianças, mergulhadas num ambiente de acirrada luta pela vida num plano puramente material, não encontram uma motivação bastante forte para persistir no estudo. As vezes, somente quando adultos, o indivíduo vai lastimar o não haver aprendido a ler.

Por outro lado, a deficiência de material humano no curso primário, de professores capazes de fazer o aluno sentir o valor de estudo, não ajuda a superar as dificuldades.

Assim, uma parte dos alunos matriculados sem um interesse mais acentuado por parte dos pais, abandonará o estudo tão logo consigam escapar à autoridade paterna. É esse fato que surpreendemos na observação de alguns analfabetos adultos: “Meus pais me matricularam na escola, mas eu não me interessei....”

Se bem que a primeira vista a resolução do problema infantil seja simples – abrir escolas em número suficiente para todas as crianças – uma série de fatores intervêm, complicando a prática da medida. Fatores de duas ordens, que já foram entrevistados em outras partes deste relatório e os quais pouparemos comentários – desajustamento social e a deficiência do ensino primário.

Por outro lado é preciso lembrar que apenas alfabetizar não basta. Uma assistência educacional (garantindo à criança um curso primário) e social (contrabalanzando a ação ambiente) impõe-se para a formação completa do indivíduo.

Não esquecendo os esforços no sentido de aproximar pais e professores.

CONCLUSÕES

Do que expusemos nas páginas atrás podemos concluir:

- o problema do analfabetismo nas Rocas está profundamente vinculado aos contingentes de habitantes do interior que buscam a capital fugindo da seca ou busca de um melhor nível de vida, e as condições de educação no bairro a (...) e anos (...).
- Mais de 50% dos adultos analfabetos não mais desejam aprender a ler, desestimulados que estão quer pela idade, quer pela necessidade de garantir a subsistência com um trabalho árduo.
- O desajustamento social, próximo ou remoto, toma lugar ao lado da deficiência no ensino primário para agravar, e mesmo ocasionar, o problema.
- O analfabetismo de crianças em idade escolar tem como causas principais a ausência de escolas, o desinteresse dos pais, o desajustamento social e a deficiência do ensino primário.

Podemos, ainda, tirar conclusões para o planejamento de uma campanha de educação integral, no nível primário.

É necessário, além da abertura de escolas, uma assistência social à população analfabeta, sem a qual o trabalho será improdutivo.

Uma atuação mais proveitosa junto aos adultos será possível trabalhando-se sobre os 10% que manifestaram dúvidas sobre o desejo ou não de estudar.

O entrosamento entre pais e professores, a falta de assistência social, poderia, em parte, minorar os efeitos do desinteresse pelo esclarecimento da importância da escola primária.

Métodos de ensino antiquados postos em prática por pessoal incompetente são agentes de desestímulo na infância, devendo portanto ser combatidos.

Deve-se garantir, não apenas a alfabetização das crianças, mas também a realização do curso primário, pois, se apenas alfabetizada, a criança logo retorna ao seu estado primitivo por causa da falta de estímulo e das próprias (..)

Anexo 6

CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA RESOLUÇÃO N.º 10/63

Indica os elementos necessários para o funcionamento do Centro de Formação de Professores com os cursos primários, normal de grau ginasial, normal de grau colegial e de emergência para treinamento de monitores da Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, da Prefeitura de Natal.

O CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO RIO GRANDE DO NORTE, usando de suas atribuições legais, e

Considerando o ofício n.º 05, de 30 de janeiro de 1963 da Secretaria de Educação e Cultura e Saúde da Prefeitura de Natal.

RESOLVE:

Exigir da mesma secretaria para autorização do funcionamento do referido Curso, os seguintes documentos:

- a) idoneidade moral e profissional do Diretor e Corpo Docente (Curriculum Vitae);
- b) garantia de remuneração condigna aos professores (Lei Orçamentária);
- c) comprovação da existência de arquivos que possam assegurar a verificação da identidade de cada aluno e da regularidade e autenticidade de sua vida escolar, assim como de material didático necessário para seu funcionamento;
- d) lei que criou os cursos;
- e) regimento interno dos cursos;
- f) planta de edifício.

Natal, 13 de fevereiro de 1963.

Paulo Pinheiro de Viveiros - Presidente
Monsenhor Nivaldo Monte – Relator

(Transcrito do “Diário Oficial”, datado de (Natal), 24-3-1963)

RESOLUÇÃO N.º 13/63

Indica os elementos necessários complementares para o funcionamento do Centro de Formação de Professores da Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, com os cursos primário, normal de grau ginasial, normal de grau colegial, e de emergência para treinamento de monitores da Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, da Prefeitura de Natal.

O CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO RIO GRANDE DO NORTE, usando das atribuições legais, e

Considerando o parecer da Comissão designada para examinar os documentos exigidos para funcionamento do Centro de Formação de Professores da Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, da Prefeitura de Natal,

RESOLVE:

Exigir da Secretaria de Educação e Cultura e Saúde da prefeitura de Natal os seguintes documentos:

- a) Diário Oficial do Estado que publicou a Lei 1.301, que criou o Centro de Formação de Professores da Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler.
- b) Certidão indicando o número do registro do diploma dos professores;
- c) Informação de que o Centro dispõe de uma biblioteca de obras de Cultura Geral e Pedagógica.

Natal, 20 de fevereiro de 1963.

Clóvis Gonçalves dos Santos – Diretor
(Transcrito do Diário Oficial de Natal, 6.09.1963)

**CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA
RESOLUÇÃO N.º 20/63**

Aprova os elementos necessários para o funcionamento da Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, com os cursos: primário, normal de grau ginasial, normal de grau colegial e de aperfeiçoamento para professores da Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler.

O CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO RIO GRANDE DO NORTE, usando das atribuições que são conferidas, e

Considerando o parecer da comissão designada para apreciar os documentos apresentados pela Secretaria de Educação, Cultura e Saúde da Prefeitura de Natal:

RESOLVE:

Autorizar o funcionamento do Centro de Formação de Professores da Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, compreendendo os cursos: primários, normal de grau ginasial, normal de grau colegial e curso de emergência.

Sala das Sessões do Conselho, em Natal, 20 de março de 1963.

Clovis Gonçalves dos Santos – Diretor
(Transcrito do “Diário Oficial”, datado de 14.09.1963, Natal)

Anexo 7

**ESTATÍSTICA DAS BIBLIOTECAS POPULARES - RELATÓRIO
POSTO DE EMPRÉSTIMO “MONTEIRO LOBATO”- BAIRRO DAS ROCAS**

Inauguração	:	1º de maio de 1962.
Acervo inicial	:	1600 livros (hum mil e seiscentos livros)
Período	:	de 1º.05.1962 a 30.09.1963
Empréstimo mensal	:	São emprestados cerca de 80 (oitenta) a 120 (cento e vinte) livros diários, somando mensalmente uma média de 3000 (três mil) livros. No período de 1º de maio de 1962 (data da inauguração) até setembro de 1963 foram emprestados 50.450 (cinquenta mil quatrocentos e cinquenta) livros.

Livros estragados	:	148 (cento e quarenta e oito);
Livros extraviados	:	167 (cento e sessenta e sete);
Livros adquiridos	:	499 (quatrocentos e noventa e nove);
Acervo Atual	:	1784 (hum mil setecentos e oitenta e quatro)
Reivindicação:		O posto de empréstimo continua em bom estado de conservação, necessitando apenas de uma nova pintura.
Observação:		As estatísticas referentes a novembro e dezembro e ao primeiro trimestre de 1964, demonstravam que a média mensal de empréstimos, elevou-se para mais de (5.000) cinco mil livros. Natal, 23 de outubro de 1963.

POSTO DE EMPRÉSTIMO” CASTRO ALVES”- BAIRRO DAS QUINTAS

Inauguração	:	23 de junho de 1962
Acervo Inicial	:	1600 (hum mil e seiscentos livros)
Período	:	23.06.1962 a 30.09.1963
Empréstimo mensal	:	São emprestados cerca de 50 (cinquenta) livros diários, somando mensalmente uma média de 2000 (dois mil) livros. No período de 23.06.1962 (data da inauguração) até setembro deste ano, foram emprestados cerca de 28.000 (vinte e oito mil) livros.
Livros estragados	:	243(duzentos e quarenta e três)
Livros extraviados	:	141 (cento e quarenta e um)
Acervo atual	:	2360 (dois mil, e trezentos e sessenta)
Observação	:	Verificou-se o mesmo, fenômeno do “Posto Monteiro Lobato. As estatísticas referentes a novembro e dezembro e ao primeiro trimestre de 1964, demonstraram que a média mensal de empréstimos, também elevou-se para mais de (5.000) cinco mil livros.

Anexo 8

CAIXAS DE ACAMPAMENTOS (BIBLIOTECAS ROTATIVAS) - QUANTITATIVO DO ACERVO E EXEMPLOS DE EMPRÉSTIMOS

Total de livros existentes em cada caixa de acampamento:

- a) Caixa n.º 1 – 119 livros
- b) Caixa n.º 2 – 112 livros
- c) Caixa n.º 3 – 121 livros
- d) Caixa n.º 4 – 120 livros
- e) Caixa n.º 5 – 123 livros
- f) Caixa n.º 6 – 148 livros
- g) Caixa n.º 7 – 136 livros
- h) Caixa n.º 8 – 109 livros
- i) Caixa n.º 9 – 138 livros

Total geral 1126 livros

Total de empréstimos efetuados no mês de setembro de 1963 por cada caixa do acampamento:

- a) Caixa n.º 1 – 198 livros
 - j) Caixa n.º 2 – 142 livros
 - k) Caixa n.º 3 – 184 livros
 - l) Caixa n.º 4 – 101 livros
 - m) Caixa n.º 5 – 242 livros
 - n) Caixa n.º 6 – 296 livros
 - o) Caixa n.º 7 – 137 livros
 - p) Caixa n.º 8 – 186 livros
 - q) Caixa n.º 9 – 145 livros
- Total geral 1638 livros



www.dhnet.org.br